

BIBLIOTHECA PARA A INFANCIA

MARIA O'NEILL



PARCERIA AM. PEREIRA LIVRARIA EDITORA LISBOA

14181

L
4.181

1111

2
14181 L.

IMP. LEG.



BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA

ALEGRIAS

61184



* * TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTÓNIO MARIA PEREIRA * * *
* * RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48
* * * * LISBOA * * * *

Li

14181

BIBLIOTECA PARA A INFÂNCIA
POR
MARIA O'NEILL

ALEGRIAS

CONTOS

Ilustrações de Santos Silva



1916

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54

LISBOA

Carvalho
24-0

A HISTORIA D'UM AMOR PERFEITO



I

— Vou-lhes contar, minhas netas, a história desta linda florinha rôxa, cujo perfume delicado é enlevo do olfacto e cuja harmonia das côres encanta os olhos que a fitam.

Isto dizia a velha duquesa de Arne sorvendo com delícias uma pitada de rapé e passando pelo nariz o vistoso lenço de seda da China.

— Conte, avózinha, conte, pediram Teresa e Maria.

— Aí vai.

E, recostando-se comodamente na sua antiga cadeira de espaldar, começou:

— Um dia, uma gentilíssima princesa do reino dos Atrapés, país que, ha muito, desapareceu da lista das

nações, foi com sua tia passear pelo campo. Eram lindas as extensas alamedas que rodeavam os paços reais, e iam desembocar nos bosques e florestas que, ao sul da capital do reino, se estendiam por vastas planícies até irem dar á mais próxima vila, denominada Torres Belas. Saíndo do palácio, a formosa Elvira, habituada a vêr-se poucas vezes em liberdade, começou correndo dum lado para outro, para colher formosas flôres rôxas, que, naquela época do ano, abundam nas planícies. O cólquico lilás, última planta que floresce no ano e que parece sair directamente da terra por entre o vêrde esmeraldino dos relvados, nunca tem as fôlhas ao mesmo tempo que as flôres, e é tão venenosa que tem causado várias mortes. A tia da princesa recomendou-lhe que tivesse cautela e o não levasse ao lábios, dizendo-lhe:

«— Toma todo o cuidado, menina! Essa flôr, que parece oferecer-se a quem passa pela graça inimitável com que brota do solo, é tentadora como o pecado, e tanto ou mais perigosa do que êle, porque nem sempre dá tempo a que o arrependimento entre no coração daqueles que se deixaram prender nos seus encantos.

«Elvira, rindo muito,olveu-lhe:

«— A tia Dorinda parece exactamente o padre prègador.

«— Então quem conhece e previne os outros dos riscos que imprudentemente correm por ignorância ; tem de ser alcunhado de prègador? perguntou a

velha senhora num tom de azedume mal disfarçado.

«— Tá, tá, tá. Não vá tão depressa. Eu não sou a ignorante que parece julgar. Conheço esta planta. A parte, que a tia vê fóra da terra, é apenas uma parte



E, agachando-se no solo...

da flôr. Para a vêr bem, é preciso arrancá-la com cuidado. Ora espere. . .

«E, agachando-se no solo, escavou vagarosamente a terra e extraíu dela uma cebola grande, côr de castanha escura, cujas flôres partiam de pedúnculos isolados, para assim desabrocharem á superfície da terra.

— Vê? Estava bem funda. E' sempre assim. São flôres regulares, com seis divisões, compreendendo

tres sépalas e tres pétalas igualmente coloridas. Estão soldadas na base a um tubo estreito, que não deve ser confundido com o pedúnculo da flôr. Cortando-o obliquamente, — queres vêr? — tem pequeninos óvulos.

«— Onde aprendêste tu tudo isso?

«— E' muito simples: no meu livro de botânica. E' uma planta empregada pela medicina, e os fabricantes pouco escrupulosos empregam-na ás vezes na falsificação da cerveja. Nos jardins tem-se obtido variedades de muitas côres.

«— Pois olha, menina, apesar de toda a tua sciência dos livros, dou mais pela minha prática, que se funda em que o cólquico é tão má erva que é quasi impossível destruí-la. Emfim, o gado não lhe pega.

«— E' que o instinto lhe diz que tal planta lhe é nociva.

«— Mas eu, que sei de que ela é capaz, colho-a e faço ramos com ela, certa de que não poderá fazer-me mal. Olhe, tia, que esta flôr é *um amôr*.

«— O nome não é mal posto, porque, geralmente, êsse sentimento tem, quasi sempre, depois do mel o veneno; mas tu não entendes isto, nem é para a tua idade. Chama-lhe, pois, *mata-cães*, nome por que vulgarmente é conhecida no povo.

«— Não. Prefiro chamar-lhe cólquico. É uma evocação que faço da região que lhe deu origem.

«— Qual?

«— A Cólquida, na Grécia.

«— Tu muito gostas de tudo que te recorda os gregos!

«— Pudera! E' que êles fôram os primeiros e os maiores artistas. . .

«E, distraidamente, enquanto encarecia a grandeza da Grécia nos seus tempos áureos, levou o tubodum cólquico aos lábios e mordiscou-o.

«Apesar do gosto da planta ser péssimo, continuou sem dár por isso, no entusiasmo da narrativa, e a velha tia, escutando a sobrinha, muito vaidosa do que ella dizia, não reparou na imprudência que ella praticava.

— Mas, avó, perguntou uma das pequenas ouvintes á duqueza de Arne, se a erva sabia tão mal, e como é que a princesa a mordia sem dar por isso?

— E' que o paladar, minha neta, tem, por vezes, aberrações estranhas. Ha pessôas que gostam de comer carvão, barro, terra, etc., e não se segue por isso que o seu gôsto seja digno de aprêço. E' um desnor-teamento do gôsto. Isso dá-se também, freqüente-mente, com o olfacto. Ha pessôas que acham magníficos cheiros perfeitamente insuportáveis.

— Mas vamos á história, pediu Teresa.

— Vamos, condescendeu a avó.

— O que eu não percebo, observou Maria, é como a história é dum Amor Perfeito e a avó só tem falado de cólquicos.

— E' que ainda não chegámos ao personagem principal; mas lá iremos, lá iremos.

— Então conte.

«— A princesa Elvira ia, pois, mascando insensivelmente os tubos dos cólquios e falando das belezas da Grecia, quando, de repente, se sentiu aflita.

— «¿ Que é isso? ¿ Que tens tu?



— ¿ Que é isso? ¿ Que tens tu?

«Dando, de repente, no erro praticado, a princesa respondeu aterrorisada:

«— São os cólquicos!

«— ¿ Vês? ¿ Não te dizia eu? Senta-te aí, junto dessa árvore, que eu volto correndo ao palácio a pedir socorro.

«— Então vá depressa, muito depressa, porque me sinto mal.

«Mas ir depressa era fácil de dizer, mas não de

executar. A velha tia Dorinda tinha os membros emperrados pela idade e o que ela chamava correr era um modo de andar que a fatigava extremamente; foi assim que, longe de obter o resultado desejado, tirou outro muito diverso: impossibilitar-se de chegar ao palácio. Caiu a primeira vez no chão. Ergueu-se e andou de novo. Faltaram-lhe as forças e tornou a cair. Ergueu-se com maior esforço e recomeçou a andar. Mas, ao ir ao chão pela terceira vez, não pôde tornar a erguer-se, porque desarticulou um pé. Então chorou, gritou, entregou-se ao mais completo desespero, mas de nada isso lhe valia, porque os campos não trilhados, para onde havia dirigido o seu passeio, só eram frequentados nos domingos de primavera, quando os operários da cidade vinham jantar na relva com a família.

«A noite baixou lentamente, e a tia Dorinda perdia a esperança de que os socorros lhe chegassem a tempo. Naturalmente, no palácio, só á hora de jantar dariam pela sua falta, porque a princesa, que aborrecia etiquetas, dera ordem ás suas aias de que, quando entrasse para os quartos de sua tia, não queria que a incomodassem sob pretexto algum. No palácio deviam todos presumir que Elvira estava nos aposentos da tia. Havia muito tempo que ela andava em volta da princesa Dorinda para a persuadir a sair sósinha com ela pela porta secreta que dava para os bosques. A tia mostrára sempre grande relutância em fazer-lhe a vontade, porque sabia que o rei, seu irmão, era de

extremo rigor nas praxes da etiqueta e não levava a bem, antes punia severamente, a menor infracção ás leis estabelecidas, embora algumas delas fôsem duma futilidade e estupidez inqualificaveis. Pensando em tudo isto, D. Dorinda fazia esforços vãos para se arrastar na direcção do palácio; mas as dôres, que a tentativa lhe causava, inundavam-lhe o rosto de suor e extenuavam-lhe o corpo de cansaço. Finalmente adormeceu.

— ¿E a sobrinha?

— ¿Que foi feito dela?

«— A sobrinha, dizendo mal da sua desobediência, torcia-se sob os efeitos do veneno. Já a noite baixava, quando, de repente, surgiu junto dela uma horrível figura de homem, vestida de vermelho, de rosto moreno e olhos ardentes e scintilantes como diamantes negros.

«— ¿Quem és? perguntou-lhe a princesa assustada.

«— Olha-me bem. Repara nestes pés, que eu não tento ocultar, e saberás quem sou.

«— ¿E's o Diabo?

«— O vulgo chama-me assim; mas os meus apóstolos dão-me o titulo de Príncipe das Trevas.

«— ¿Que queres de mim?

«— Saber se desejas que te leve para o palácio ou te deixe ficar aqui.

«A princesa Elvira olhou-o com desconfiança e permaneceu silenciosa.

«Êle repetiu a pergunta.

«Com voz débil, Elvira indagou :

«— ¿ E que queres tu que eu te dê em paga dêsse serviço?



— Olha-me bem. Repara n'estes pés... (Pag. 12)

«— Oh! muito pouco, quasi nada: a promessa de me falares sempre que eu queira.

«A princesa meditou longamente e respondeu:

«— Não quero. Prefiro morrer a ficar sujeita á tua execranda autoridade.

— ¿ O que é execranda, avó? perguntou Maria á velha duqueza de Arne.

— E' o mesmo que dizer que é abominável, amaldiçoada, digna de ódio. ; Entendes ?

— Entendo.

— ; E depois ?

«— Depois, êle sorriu com grande ironia e perguntou-lhe :

«— ; Então tu imaginas que nunca sentiste a fôrça da minha autoridade ?

«— Imagino.

«O demónio deu uma prolongada gargalhada, como quem acaba de ouvir um tremendo disparate, e volveu-lhe :

«— Sabe então que, sempre que desobedeces a teu pai, estás sujeita imediatamente á minha vontade. Fui eu que te impeli a êste passeio, te levei a colher o cólquico e a levá-lo á bôca para te colocar na minha dependência. . . Já vêes que não podes fugir-me.

«A princesa tinha um carácter altivo e não era medrosa. Contudo, a este dito do seu horrível interlocutor. . .

— ; O que é interlocutor, avó ? perguntou Teresa desta vez.

— E' a pessoa com quem se conversa.

— Não interrompas, pediu Maria.

«— A este dito do Diabo ela tremeu, mas, forte na sua consciência, disse-lhe com atrevimento :

«— Escusas de me tentar. Não ha nada que me leve a receber o teu favôr.

«— Ai, sim ? Pois verás se alguêm te acode.

«E com muita fé, a princesa exclamou:

«— Valha-me o meu anjo da guarda!

«No mesmo instante, o ceu abriu-se, e um anjo, alto, louro, de vestes refulgentes, baixou, agitando as longas asas brancas e erguendo, em cantos harmônicos, graças ao Altíssimo pelo valor moral da princesa Elvira.

O demónio fugiu, soltando uma horrível blasfêmia, e o anjo, curvando-se, ergueu a princesa nos braços e, batendo as asas, levou-a para o palácio. Penetrou no quarto da princesa pela janela e, colocando-a sobre o leito, disse-lhe:



... agitando as longas asas brancas...

«— O veneno não te fará mal, porque, trazendo-te nos meus braços, eu reduzi a nada a obra do inimigo. Mas, se queres ser feliz, nunca mais te deixes cair em tentação. As princesas riais não andam sós pelos caminhos como as pobres camponesas. Sempre que teu pai te proíbe alguma cousa, é porque tem razões sérias para o fazer, e não te cumpre a ti discutí-las.

«Dito isto, desapareceu, deixando no quarto um perfume suave como, até então, nunca a princesa sentira.

«Logo que se recobrou das emoções experimentadas, o primeiro pensamento de Elvira foi para sua velha tia.

«Chamou as suas aias e mandou que fôsem com os criados em procura dela pelos bosques.

«Assim se fez e momentos depois, da larga janela dos seus aposentos, a princesa via o longo cortejo que, à luz dos archotes, se internava na espessura dos bosques. Decorreram duas horas de grande ansiedade para a princesa. Finalmente, reapareceram as luzes e, dentro em pouco, Elvira pôde estreitar nos braços a sua velha tia com quem pediu que a deixassem a sós.

«— Então? perguntou-lhe ela logo que a última dama desapareceu sob o espesso reposteiro de veludo carmezim.

«— Ai, filha! Ainda bem que te encontro viva. Julguei que nunca mais te tornaria a vêr.

«— E eu? Imagina lá!

«E a princesa contou a sua tia Dorinda a extranha aventura que lhe succedera.

«— Creio, minha querida sobrinha, que nunca mais me pedirás para ir passear nos bosques.

«A princesa suspirou e não respondeu nada, lembrada da grande reprimenda que o seu Anjo da Guarda lhe dera. Mas, no fundo do seu coração, sentia uma grande pena de não poder tornar a correr livremente nos bosques.

«Passou o inverno e chegou a primavera.

«A princesa, à noite, deixava aberta a janela do seu quarto e sentia-se inebriar pelos fortes e variados perfumes que, em ondulações suavíssimas, a brisa lhe trazia. Então, uma tentação fortíssima levava-a a de-sejar abrir a porta secreta e ir colher flôres nos bosques. Mas a recordação dos cólquicos e da figura horrenda que estivera por um tris a senhorear-se-lhe da liberdade, dava-lhe forças para resistir.

«Numa tarde dos primeiros dias de março, a princesa Elvira sentiu, mais do que nunca, um forte desejo de correr pelos bosques; mas, em vez de ceder á tentação, evocou o seu Anjo da Guarda para que lhe desse fôrças de resistir ás sugestões do Príncipe das Trevas.

«Imediatamente, seu pai entrou-lhe no quarto e perguntou-lhe :

«—¿ Queres ir correr nos bosques para apanhar flôres ?

«Com as faces ruborisadas pela imprevista satisfação que seu pai lhe queria proporcionar, a princesa Elvira respondeu :

«— Sempre tive esse desejo, meu pai, mas nunca me atrevi a manifesta-lo, visto que as regras da etiqueta . . .

«Contente, o rei aplaudiu :

«— São muito severas nesse ponto, são. Não impedem contudo que se tomem remédios e se sigam os preceitos que o médico julga convenientes á nossa saúde. Ora o Doutor Almanívea disse-me que te

achava pálida e que para a tua saúde lhe parecia bôa receita alguma liberdade nos campos.

«— ¿ E quando posso eu começar os meus passeios ?

«— Hoje mesmo, se isto te apraz.

«A princesa correu a chamar a mais jovem das suas aias e saiu com ela para os campos. Desta vez, grande abundância de violetas bordavam os relvados, espalhando no ambiente um perfume magnífico. As duas meninas fizeram grandes ramos de violetas brancas e rôxas e sentaram-se a conversar á sombra d'uma olaia florida.

«— ¿ Sabes do que eu tenho pena, Virgínia ?

«—Vossa Alteza dirá.

«— De não achar em todo o campo, que temos percorrido, um Amôr Perfeito sequer.

«— ¿ Porque será que não ha Amores Perfeitos no campo ?

«— Os amôres perfeitos pertencem á família das violetas. São espécies apuradas que só se encontram nos jardins.

«Um leve rumor fez com que a princesa voltasse a cabeça e visse junto dela o seu Anjo da Guarda tendo na mão um lindo vaso no qual florescia o mais encantador amôr perfeito que até então olhos humanos tinham visto :

«— Aqui tens o que desejavas, como prémio de teres resistido á tentação de fazer o que não devias. O Amôr Perfeito, minha filha, não existe sem cultura.

E' a *Viola tricólor*, que tem tres côres, geralmente, e cinco pétalas, E' sobretudo notável pelo lindo aveludado das duas pétalas superiores. Tem um belo perfume, mas muito fraco; a haste, como vês, é tão curta que a flôr é quasi rastejante, e as suas fôlhas, d'um vêrde levemente bronzeado, são alternas, oblongas e recortadas. O Amor Perfeito é o emblema da Trindade e, na linguagem das flôres, significa recordação. Trago-t'a por isso, para que te recordes do que a desobediência a teu pai te ia custando, e vejas que esta flôr, para merecer o epíteto de perfeita, ... e meteu-o no seu livro de missa.



tem de ser cultivada. Assim sucede com a alma humana. Não pode sem cultivo atingir a perfeição que a tornará digna do respeito mundano e de alcançar a verdadeira imortalidade.

«E, dizendo isto, depositou nas mãos de Elvira o lindo vaso e desapareceu.

«A princesa e a sua aia regressaram ao palácio.

«Quando, passado tempo, o Amor Perfeito começava a perder a frescura, ela colheu-o e meteu-o no seu livro de missa. E, quando a planta murchou, guardou as sementes cuidadosamente numa caixinha

de esmalte e, todos os anos, as semeava no seu jardim particular

«Quando, passados quatro anos, o rei D. Ramiro V concedeu a mão de sua filha ao mais valente guerreiro do reino dos Atrapes, ela poz por condição do casamento ao seu futuro esposo que, no brazão das suas armas e no seu broquel, fizesse gravar um lindo Amor Perfeito com a palavra *Recordação*, em memoria do seu bom anjo.

«O noivo aceitou a condição como um preságio de ventura. No casamento da princesa, a par das flôres de laranjeira, viam-se enormes ramos de Amôres Perfeitos, a mais bela flôr que, no dizer da princesa Elvira, jamais desabrochou na terra.

«Quanto aos formosos cólquicos do outono, a princesa jurou a sua destruição, e todos os anos, mal êles começam de rebentar nos campos, emprega uma multidão de camponeses no propósito vingativo de os destruir. Mas os anos vão passando e, por mais que a princesa faça, os cólquicos nascem sempre, e, com a mesma enganadora formosura, cheia de encantadores atractivos, induzem as pessoas incautas a colhê-los. O diabo anda à espreita e faz numerosas vítimas naqueles que, tendo um espirito covarde, não possuem, como a princesa Elvira, ânimo de recusar o seu auxilio, por mais temível que seja o perigo que cõram.

«Odiando a gentil princesa, que êle nunca, por mais que fez, conseguiu escravisar, pensou o Principe

das Trevas vingar-se dela desencaminhando-lhe o marido.

«Conduziu-o uma vez a uma grande sala, onde guardava os seus tesouros e propoz dar-lhe todo o oiro e pedrarias que êle via, a trôco de responder á sua voz e de cumprir as suas ordens.

«Sem saber com quem tratava, porque o vil inimigo se disfarçara de gentil-homem velho e respeitavel, o marido da princesa sentia-se inclinado a concluir o pacto. Mas, no momento de abrir a bôca para dizer as palavras fatais, viu aparecer-lhe, momentaneamente, no espaço, um vaso doirado com um Amor Perfeito resplandecente e, em volta dêle, escrito em caracteres luminosos:— O unico Amor Perfeito é o do Criador pelas suas criaturas.

«O Diabo instou:

«— Responde. Olha que estão encerradas nesta sala as mais esplêndidas joias da terra, e o oiro mais puro que existe.

«O cavaleiro olhou-o desdenhoso e respondeu-lhe:

«— Os bens da terra na terra ficam. As melhores joias que ha são as virtudes, que tornam um homem digno do respeito dos seus semelhantes, e os actos de heroicidade que levam o seu nome nas asas da fama ás gerações por vir.

«Satanaz fez rebrilhar ante os seus olhos um magnífico diadema de brilhantes e rubis, e disse-lhe laconicamente:

«— Podes ser rei.

«O cavaleiro encolheu os ombros com desdêm e respondeu-lhe :

«— Os maiores tronos da terra não valem a independência dos meus actos.

«Satanaz estendeu-lhe a mão :

«— Toca. Apesar de tudo, sou teu amigo.

«Com uma intuição exacta da verdade, o cavaleiro meteu a mão direita no bolso e respondeu-lhe com altivez :

«— Eu não estendo a mão a pessoas que não conheço e me fazem propostas que se me afiguram desprezíveis, e nas quaes ha um fundo de misterio que não consigo penetrar.

«E, voltando-lhe as costas, saiu de cabeça alta, com o ar satisfeito dum homem que sente ter cumprido o seu dever.

*

«Chegando a casa, o marido da princesa Elvira contou-lhe a estranha aventura que tivera. Ouvindo-o, a esposa empalideceu, tremeu, e, lançando-lhe os braços ao pescoço, exclamou com aflição :

«— ¡Foi êle, foi esse temível Principe das Trevas que te apareceu! ¿Que desgraça te irá succeder, meu amigo?

«— Nenhuma, socega. Eu estou bem convencido de que êle não tornará a procurar-me, porque, quan-

do a virtude está perfeitamente assente num coração, nada a pode abalar. Depois ; não temos nós nas nossas armas o emblema da Trindade ?



Ouvindo-o, a esposa empalideceu... (Pag. 22)

«— Tens razão, meu amigo. A divisa que lêste em volta do vaso luminoso é a melhor prova de que nada temos a temer da perfidia do cruel Satanaz.»





II

Vergado ao peso das trouxas,
O burro da lavadeira
Ia subindo de manso
Uma íngreme ladeira.

Caminhava a passo curto
Pela beirinha da estrada,
Quando viu, n'um verde cardo,
Uma florinha encarnada.

Como um guloso, que vê,
Em montra, doce pastel,
Pensou o lindo burrico:
— ¡Deve ser melhor que mel!

Arrebitando as orelhas,
As narinas dilatou.
Fitando a flôr cubiçada,
Direito ao cardo marchou.

A lavadeira, que, a pé,
Ia seguindo o jumento,
Ao vêr os gestos do burro
Percebeu de pronto o intento

Que o tornava pressuroso,
E gritou em alta voz:
— Pára, pára um instantinho,
Ouve um conselho, Veloz.

¡Mas qual! O leviano burro,
Sem a cabeça voltar,
Cada vez corria mais
No empenho de teimar.

Chegando junto do cardo,
Abriu a boca e . . . *zás pás!*
Porêm, ao trincar a flôr,
Deu um pinote p'ra tras.

Enterrára no focinho
Os picos que tinha a flôr,
E dava pulos e coices,
Zurrando cheio de dôr!

Depois, de cabeça erguida,
Correu doido pela estrada
Enquanto a dona, a gritar,
O seguia consternada.



E dava pulos e coices (pag. 26)

Aproveitem, meus leitores,
A moral desta lição:
Ninguém vá mexer aonde
Alguém lhe disser que não.

As aparências iludem
No doce, n'agua e no vinho.
;A vista engana-se em tudo!
E quanta vez no caminho,

Que lhe parece melhor,
Encontra p'rigos sem conto!
Não vão só pela aparência,
Não façam de burro tonto.

Peçam e sigam conselho
A quem bem lho souber dar.
E' a maneira melhor
De nunca, na vida, errar.





III

O ilustre doutor Renicof acabava de fazer o seu último e esplêndido discurso, na Academia das Ciências, ácerca dos grandes problemas da Física moderna e, regressando a casa, refestelara-se na sua cómoda poltrona, junto do fogão, repassando na mente as frases com que despertára maior entusiasmo no selecto auditório. Contente com os muitos aplausos recebidos, aquecia à evocação dêles, e, repetindo as passagens mais louvadas, acabára por se erguer, gesticular e agradecer os cumprimentos, que, na imaginação, lhe faziam. Nisto, abriu-se a porta do seu escritório e entrou Diana, a sua interessante afilhada, que parou estupefacta vendo o doutor, que não dera pela sua vinda, curvar-se por várias vezes com gestos de agra-

decimento ante os seus imaginários ouvintes. A loira rapariga soltou uma estridente gargalhada e perguntou:

— ¿Que quiere dizer isto, meu padrinho?

Sem poder esclarecer a sua afilhada dum modo isento de ridículo, o velho doutor titubeou:

— Nada, absolutamente nada... Procurava os meus óculos.

— Mas tem-nos espetados no nariz!

— E' verdade... Tens razão... Mas, como estão descaídos, puz-me a olhar por cima dêles e julguei que estavam no chão... Olha o disparate!

Diana riu, e, apesar de ter percebido muito bem a desculpa, que o padrinho forjára, não a contestou, porque era uma menina bem educada e sabia que o não devia fazer.

— Não esperava agora o gosto da tua visita, minha querida. ¿Com quem viéste?

— Com a minha criada Marta, que ficou a deliciar-se na cozinha com uma chávena de chá quente.

— ¿E tu não o queres tomar?

— Quando forem as suas horas.

— Mando-o vir já. Como saí dos meus hábitos caseiros, tenho mais apetite que de costume.

Diana carregou no botão da campainha e ordenou ao criado, que correu á porta, que trouxesse o chá. Depois, voltando-se para o padrinho, exclamou:

— ¿Com que então teve hoje um verdadeiro triunfo?

—E' verdade, respondeu êle satisfeito. Senti-me sinceramente lisonjeado com o successo. As várias demonstrações que fiz durante a minha conferência fô-



—Com que então teve hoje um verdadeiro triunfo? (Pag. 30)

ram felicíssimas e tive o auditório verdadeiramente suspenso dos meus lábios.

Diana suspirou.

— Parece, observou o doutor, que, na notícia que te dou, não encontras grande motivo de alegria.

— Olhe, meu padrinho, respondeu a loira rapariga depois duns momentos de silêncio, eu tenho uma grande ambição, que me parece justificada.

— Vejamos.

— E'-me difícil acreditar no que me dizem sem provas.

— Isso tem o seu lado bom, mas também o tem mau. Quando a dúvida se estabelece no espírito dum indivíduo, acabou-se a felicidade. Mas ¿ a que propósito vem essa tua reflexão?

— E' que eu gostaria de penetrar o pensamento de todos que o escutaram e de conhecer os que o aplaudiram com verdadeiro interesse e os que o fizeram apenas por amabilidade.

Seridamente ofendido, o velho sábio indagou:

— ¿ Estás então persuadida de que a maior parte dos meus ouvintes não se dignam apreciar o meu trabalho?

— Não disse isso, querido padrinho, mas uma coisa inteiramente diferente. Para avaliar o trabalho dum homem superior e interessar-se por êle, é necessário ser bastante inteligente para o compreender. Ora, como a maioria das pessoas não peca por talentosa...

— O remendo não é mal deitado, não, senhora,olveu o professor lisonjeado; mas parece-me que, se a tua ambição se realizasse, tirarias dela um péssimo resultado.

— Aqui vem o chá.

— Faze de dona da casa dêste solteirão, anda. Para alguma coisa devem servir as afilhadas.

— Quando já têm dôze anos, como eu.

— Dôze?! dôze ainda não.

— Falta apenas um mês.

— Para todos os efeitos legais a falta dum dia bastaria para os dôze te não serem contados.

— Estou mais perto dos dôze que dos onze, comentou Diana enchendo as chávenas e estendendo uma ao padrinho.

— O que não quiere dizer que os tenhas. Olha, minha filha, depois dos vinte e cinco anos, todo o cuidado que pões agora em os aumentar, passará para os diminuir e, crê-me, irá além da verdade.

— Mas, voltando ao que me ia dizer, ¿ porque é que julga que eu tiraria mau resultado de vêr as cousas e as pessôas como são, e não como parecem?

— Porque a realidade, minha pequena, é sempre muito pouco atraente. O encanto da vida está na ilusão. Se a nossa vista não fôsse um instrumento de optica dos mais imperfeitos, ¿ como nós seríamos infelizes!

— Ora essa! Então, se a nossa vista fôsse melhor, ¿ que podíamos nós perder com isso?

— O encanto da ilusão, minha querida. Ora imagina que pedias um copo de agua e, em vez de a vêres clara e cristalina, como a tua vista a representa, a vias cheia de bichinhos de apparencia repugnante.

— Habitava-me. Se todos bebessem agua assim desde que nascessem, ninguém se admirava de que ella assim fôsse, nem lhe repugnaria.

— Talvez tenhas razão, mas eu continuo na mi-

nha. Estou mesmo convencido de que a Providência nos deu tão má vista expressamente para nos beneficiar. Respirar pó e mil impurezas, que andam no ar, é muito desagradável, mas, vendo-as, ¿o que seria?

— Pois, meu caro padrinho, preferia engolir micróbios, vendo-os, a ingeri-los sem saber.

— Parece-te, parece-te. Neste mundo, minha querida, é tudo falso, tudo engano, tudo ilusão, e sem isso a vida seria muito triste. O que tu chamas ceu e vêes d'uma linda côr azul é o ar em grande massa. Se o vires num espaço restrito não tem côr nenhuma. O teu rosto, cuja beleza te encanta e envaidece, visto através desta poderosa lente, que está sobre a minha secretária, é cheio de imperfeições. Mas já que falamos em ar: ¿sabes a pressão que pesa geralmente sobre qualquer criatura?

— Não sinto nenhuma.

— Pois enganas-te. Para to dizer rigorosamente precisava medir exactamente a superfície do teu corpo.

— Uma criatura regular ¿que pressão suporta pouco mais ou menos?

— Dez mil quilos ou sejam dez toneladas: á tua escolha, porque vem a dar na mesma.

— ¿Então como é que êsse pêso nos não esmaga?

— Porque contra êle reagem os líquidos orgânicos, que exercem nos corpos uma forte pressão de dentro para fóra.

— Tudo isso é muito curioso, meu padrinho, mas eu continuo na minha. Não ha nada como vêr bem, conhecer perfeitamente, e saber a fundo.

Recostando-se na cadeira, o velho doutor pediu á afilhada nova chávena de chá, tirou um biscoito do prato, e disse:



... trabalhando de sol a sol...

— Vou repetir-te uma história que minha mãe me contava quando eu era pequeno. Um lenhador, que vivia no alto d'uma serra, dizia mal da sua vida por se vêr tão pobre, trabalhando de sol a sol, sem que o que ganhava lhe desse mais do que para comer.

«— Se um dia adoecer, dizia êle aflito, não terei quatro centavos para comprar um pão, quanto mais dinheiro para me tratar!» — Os seus sapatos andavam cheios de tombas e o fato de remendos. Êle comparava a sua sorte à de todos os outros e julgava-se

o homem mais infeliz do mundo. Um dia de inverno, em que as dôres do reumatismo lhe tornavam mais difícil manejar o machado, sentou-se, exausto de cansaço num tronco de árvore e, limpando o suor que lhe corria da frente, sentiu tal desespero que desatou a chorar.

«Nisto, avistou ao longe um peregrino que se encaminhava para êle. Envergonhado de que o visse naquele estado de fraqueza e desânimo, limpou o rosto e, ajoelhando-se na terra, tratou de emmolhar a lenha que rachára. Aproximando-se dêle, o peregrino saudou-o com a frase que naquele tempo era de uso:

« — Bôas tardes lhe dê Deus Nosso Senhor.

« — *Amen*, respondeu o lenhador. Iguais lhe desejo.

« — Diga-me uma cousa, meu irmão, indagou o peregrino: ¿haverá por aqui perto alguma casa honesta que me dê abrigo por esta noite?

— Eu lhe digo, senhor: casa honrada e farta, onde tenha bôa cama e bôa ceia, só a encontra daqui por tres léguas. Se se contenta com as casas dos pobres, tem muitas prontas a recebê-lo na aldeia vizinha. Mas, se vem fatigado e não quere ir mais longe, tem, no fim desta serra, a minha modesta cabana, uma manta, um feixe de bôa palha, e para alimento brôa, sardinha salgada, vinho e queijô. E em mim um criado, senhor.

«Tudo isto era dito com altiva e encantadora sim-

plicidade. O peregrino sentiu-se penhorado e respondeu :

« — Aceito, meu irmão. Os paços dos príncipes e dos reis nem sempre são os mais queridos de Deus.

« — Não digo menos disso, senhor; mas eu preferia ser rei a ser um simples lenhador.

« — Ninguêem está contente com a sua sorte.

« — E' certo, irmão.

«Acabando de atar a lenha, pô-la ás costas e, perdurando o machado á cinta, o Gaio, que assim era conhecido o rachador da serra, disse ao peregrino :

« — Por aqui

«E, vergado ao pêso do fardo, foi descendo lentamente a vertente da serra voltada ao Norte. O peregrino seguia-o.

« — ; E' d'aqui, meu irmão? perguntou êle ao rachador.

« — Sim, senhor. Aqui nasci, aqui me criei e por desgraça minha aqui espero morrer.

« — ; Por desgraça sua? Então não gosta da sua terra?

« — Muito. Mas detesto o meu modo de vida e não posso ter outro porque não sei fazer mais nada.

«Posto neste caminho, o lenhador desafogou as suas máguas com o bom peregrino, que o ouvia atento e com aspecto condoído.

«Chegados á pequena cabana do lenhador, puzeram-se á mesa. Era tal a satisfação do Gaio por ter com quem fallar, que, se naquele momento interro-

gasse a sua consciência, ela lhe responderia que, naquela ocasião, era feliz porque alguém o escutava e se sentia compreendido. E' por, isso Diana, que, mesmo as pessoas mais pobres e que não têm dinheiro para aliviar as desgraças alheias, podem exercer a caridade e fazer muito bem, escutando as máguas que pungem os corações aflitos e suavizando-as por palavras de conforto ou conselhos de que lhes possa vir bem.

— Tem razão, padrinho, nunca tinha pensado nisso.

— Nem eu. Mas, um dia em que descia a rua do Arsenal, vi, poucos passos adiante, uma pobrezinha pedir esmola a um elegante rapaz que passava. Sem olhar para ela, o transeunte meteu a mão ao bolso do colete e atirou-lhe para o regaço uma moeda de prata que ela recolheu com um agradecimento frio. Quando cheguei junto dela, vi que não levava dinheiro e, antes que me pedisse, disse-lhe realmente com pena: «Nada lhe posso dar, minha irmã; infelizmente, não trago dinheiro. Ela, muito risonha e satisfeita, exclamou com reconhecimento: «Muito obrigada, senhor, pela sua boa intenção, e Deus lhe pague o bonito modo com que fala aos pobres.» Desde então, percebi que a esmola, a melhor esmola, é a que consola os espíritos que sofrem em resultado do desdém e do desprezo dos homens.

— E o lenhador?

— Tens razão. Já me ia esquecendo. Quando o

peregrino acabou de ouvir o Gaio, entregou-lhe tres ovos de andorinha e disse-lhe :

«— Amanhã, depois de eu me retirar, medite todos os conselhos que eu lhe dei. Se concordar com êles, deite estes ovos fóra, um da janela, outro da porta e outro atraz da cabana. Se, pelo contrario, persistir nas suas ideas, parta e lance num prato aquele que melhor corresponder ás suas ambições.»

«— E os outros dois?

«— Os outros dois, por muito que os guarde, hão de desaparecer-lhe e voltar de novo para o meu bornal.

— O que é bornal, padrinho, perguntou Diana.

— E' uma destas sacas de pano que se trazem suspensas ao ombro e onde se guardam provisões.

«No dia seguinte, logo que o Gaio acordou, procurou o seu hóspede, mas o velho tinha desaparecido. Esfregou os olhos, julgando que tinha sido tudo um sonho, mas, olhando para cima da mesa, vio, num prato de barro escuro, os tres ovos de andorinha. Querendo observar os preceitos que o velho lhe impuzera, começou por meditar os conselhos que lhe ouvira e que tendiam todos a persuadi-lo de que devia sentir-se satisfeito da sua profissão e da classe em que nascera, porque era decerto aquela que mais convinha ao seu bem estar. O peregrino concluiu dizendo :

«— Se todos se contentassem na terra com o que o destino lhes marca, o número dos felizes seria a totalidade do género humano.

«Este palavriado impressionara mal o Gaio, que era dotado de grande orgulho e desmedida ambição. Chegou á janela, tomou ar, passeou na casa dum lado ao outro e, depois de julgar ter feito tudo que em si cabia para cumprimento das condições que o velho peregrino lhe impuzera, exclamou :

«— Não, eu não posso resignar-me a esta vida ; sinto que é outra a minha vocação.

«E, aproximando-se da mesa, examinou um por um, cuidadosamente, os tres ovos de andorinha. No primeiro, leu *riqueza e fausto*; no segundo, *verdade e realidade*; no terceiro *sciência e erudição*. Ficou perplexo, sem saber que escolher. Por seu gôsto guardaria os tres, mas o peregrino dissera-lhe que êle não podia utilizar senão um, e o Gaio, além de ser um homem honrado, receava, se faltasse a qualquer condição, prejudicar-se a si próprio.

«Nisto era esperto porque, no melhor dos casos, o peregrino não o poderia ficar tendo em bôa conta se êle transgredisse qualquer das cláusulas do contrato que livremente tinha feito, e êle sabia que, desde que alguêm dá o direito a uma pessoa de pensar mal dela em resultado de qualquer acto mau que tenba praticado, dentro em pouco toda a gente assim pensa, porque o mal é aquilo que mais corre e melhor se acredita. O primeiro ovo pareceu-lhe o melhor. Ia decidir-se por êle, quando lhe atravessou o pensamento : «*Riqueza e fausto* sem outros predicados ; de que me podem servir?» Então, depois de muitas hesitações,

escolheu o que continha *verdade e realidade*. «Com a verdade eu saberei onde as riquezas existem e, sem possibilidade de que ninguêm me engane, poderei obtê-las.» Contente com este raciocínio partiu o ovo. Ia, num gesto de tentação, olhar para os outros, mas tinham desaparecido por encanto de cima da mesa. A primeira cousa que conheceu foi que as palavras que o peregrino lhe dissera eram verdadeiras. Quiz mudar de tenção, mas era tarde. A sua visão das cousas passou a ser diferente e nada tinha de agradável.

«Deixou o campo e seguiu para a cidade próxima. Logo que aí chegou, foi comprar um bilhete da lotaria, e tendo-lhe saído a sorte grande, a sua fortuna fez-se rapidissimamente. Mas não tinha nisso nenhum prazer. Os seus olhos, que a realidade iluminara, não achavam beleza nem formosura sobre a terra, e os pensamentos, que ninguêm lhe podia ocultar, mostravam-lhe o egoísmo dominando o mundo e tentando fingir affecto para melhor o explorar. O Gaio tornou-se um grande senhor, mas a alegria franca e despreocupada, com que, ás vezes, cantava, enquanto vibrava no ar o machado, desaparecera para sempre da sua alma. Era com viva saudade que se lembrava do estribilho preferido das suas habituais canções :

Ai! racha, machado, racha
Bôa lenha p'ra o inverno.
Has de arranjar tal fogueira
Que môrra de inveja o inferno.

«E sem alegrias na vida, sondava o futuro com receio, pensando na morte com curiosidade. Era ali que parava para êle o conhecimento das cousas. O Gaio tinha casado e tinha tido um filho de que êle não estava contente porque o via à luz da verdade, como realmente era, um ser imperfeito, como aliás todos nós somos; mas, porque era seu filho, gostava muito dêle. Quando estava prestes a morrer, chamou-o e deu-lhe todos os bons conselhos que do peregrino recebera. Então este tornou a aparecer-lhe, e disse-lhe:

«— O modo por que aconselhas teu filho prova que, se a tua vida foi dura, soubeste aproveitá-la porque queres emendar no teu filho os erros que reconheceste em ti. Êle não ouvirá melhor a tua voz do que tu ouviste a minha. Está escrito que a experiência duns não aproveitará aos outros. Se assim não fôsse, o mundo seria uma maravilha de bondade e de beleza. Mas tu, reconhecendo o erro e tendo-te punhado dêle toda a tua vida, encontrarás na morte a mais doce e melhor recompensa».

«E acabou-se a história do lenhador, á qual sempre chamei em pequeno, e ouvi chamar aos outros, *Os olhos da realidade*. Talvez ela tenha influído poderosamente na minha maneira de pensar, porque as ideas que recolhemos em crianças agarram-se a nós como o escalracho á terra. O que é certo é que eu não tenho pela realidade das cousas o entusiasmo que tu tens.

E, beijando a afilhada na testa, o velho professor ajuntou:

— Agora vai-te embora. Tua mãe deve estar em cuidado, porque tu não costumavas demorar-te assim.

— A culpa não foi minha.

— Então de quem, marota? perguntou rindo o bom velho.

— Foi da história. É uma verdade incontestável.

— E incontestada, afirmou, divertido, o doutor.

Diana poz o chapéu, e, entrando na cozinha, foi despertar a velha Marta que, depois de ter contado aos criados do professor Renicof, todas as novidades que sabia, acabára por adormecer docemente

desde que, de prégadora, passara a simples ouvinte.

— São quasi sete horas, Marta! Vamos depressa.

— Jesus! quem ha de ouvir a senhora!

— Não te dê cuidado; isso é com o padrinho.

E, contente com esta razão, Diana pendurou-se no braço da sua velha criada e, referindo-lhe a história que acabára de ouvir, retomou alegremente o caminho de casa.



Diana pendurou-se no braço...



IV

Era tão bem educado
O canário de Lolita,
Que dava beijos á dona
; Com uma graça infinita !

Logo que, de manhã, vinha
Para lhe abrir a janela,
Êle batia as asitas
Na ancia de ir ter com ela.

Tomava banho, cantava,
Agitando a cabecita,
E vinha pedir á grade
Mil meiguices a Lolita.

Esta abria-lhe, sorrindo,
O postigo da prisão,
E o seu amigo canário
Vinha poisar-lhe na mão.

Depois, muito satisfeito
Por se vêr fóra da grade,
Voava á volta do quarto
E gozava a liberdade

Até que a dona o chamava.
Muito alegre e prazenteiro,
Voltava p'ra a sua dona
Que o depunha no poleiro.

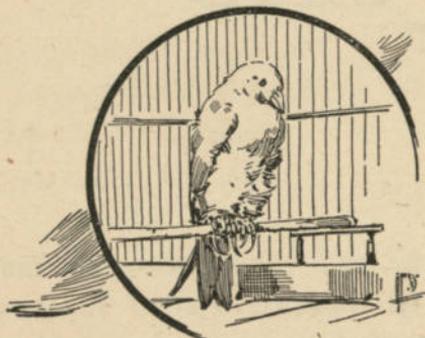
Lolita era costureira
E passava frio e fome.
A morte nunca está longe
De quem trabalha e não come.

Um dia lindo de maio
A costureira morreu.
E desde então o canário
Para sempre emmudeceu.

Ao cantinho da gaiola,
Cheio de mágua e tristeza,
Parecia sentir a dôr
Que via em volta da mesa

Onde Lola trabalhava,
E, agora triste e só,
Bordava, de noite e dia,
A velha e cansada avó.

Deixei de vêr a gaiola
Pendurada na janela,
E perguntei á vizinha
O que fôra feito dela.



Ao cantinho da gaiola (Pag. 46)

«—; Pobre canário! Morreu
«Da mais pungente saudade,
«Quando viu que lhe faltava
«O afecto e liberdade.

«Deixou de comer. Quietinho,
«Sem cantar, emmurcheceu.
«Sentia-se mal na terra,
«Foi ter com Lolita ao céu.»



ALDA ERA GULOZA

V

Havia em tempos passados uma senhora velha, muito devota, que tinha o costume de fazer lindas festas de igreja e punha a sua vaidade em fazer servir na sacristia um opíparo lanche aos padres que cantavam a missa e prègavam o sermão. Nada faltava. Bellas carnes, magnífico vinho, excelente presunto, óptimos dôces. Ainda, antes da festa começada, já os padres, de guloseima, dilatavam as narinas, lembrando-se dos acepipes escolhidos que os esperavam, mal a festa terminasse.

Esta senhora tinha uma neta, muito buliçosa e malcriada, que não via com bons olhos os padres comerem tão boas cousas sem que ela os ajudasse a siso. Um belo dia propoz à avó :

— Não seria melhor convidar os senhores padres para almoçar do que dar-lhes de comer na igreja ?

— Decerto que não. Além de ser mais dispendioso, obrigava suas paternidades a estarem muito mais tempo em jejum.

Desesperada, a rapariga disse consigo :

— Desta vez comem êles sósinhos, mas deixem estar que, para a primeira festa, eu lhes prometo que heide comer também.

Não esqueceu a promessa.

Chegou a festa da Senhora do Amparo e a pequena, que contava dôze para treze anos, declarou a sua avó que tinha devoção de ir enfeitar o altar da Virgem. A velha, muito contente porque a neta não era devota e tinha nisso grande desconsoação, acedeu prontamente aos seus desejos, convencida de que era um milagre concedido pela Senhora aos seus muitos rogos.

A neta passava para todos por ser habilidosa e ter bom gosto. Foi, na véspera, arranjar o altar e, no próprio dia, com o pretexto de substituir alguma flôr que não tivesse frescura, voltou lá. Depois de se desempenhar cabalmente da missão devota que se impuzera, o mafarrico da rapariga entrou na sacristia com as primas, e, saltando no lanche dos padres, comeu tudo que nêle havia de melhor e propoz que abrissem uma das garrafas de *Champanhe*, que se alinhavam sobre a bancada, onde estavam já estendidos os paramentos que deviam servir na festa.

As outras acederam com prazer, e Alda fez saltar a rôlha e encheu as taças. Fizeram-se saudes e libações successivas, depois do que encheram a garrafa de agua, rolharam-n'a de novo e deram ás bandejas,



Alda fez saltar a rôlha...

que tinham assaltado, o melhor aspecto, que, sem os principais manjares que nelas havia, era possível dar-lhes. Feita a partida, lavaram as mãos e regressaram a casa.

A' hora da festa, D. Felícia, vestindo um traje de veludo negro que fôra da ultima moda quando ela completára vinte anos e se conservava com ar de novo, apesar de ela ter agora setenta e cinco, pôz na

cabeça um chapéu exótico, nas costas um chale da Índia, nos olhos os óculos com aros de ouro, a que chamava os olhos de vêr a Deus, e, seguida por Alda e pelas outras netas, entrou solenemente na capela, cumprimentando à direita e à esquerda as pessoas conhecidas, e tendo o ar de que era à sua custa que aquela grande multidão ia ter o prazer de assistir a uma festa magnífica, com cantores vindos expressamente do Porto, que estropiavam o latim tão artisticamente, que o prior da freguesia não resistira à tentação de lhes perguntar que lingua era aquela, ingenuamente convencido de que era o *Esperanto*, lingua então modernamente inventada e que sua Reverendissima nunca ouvira.

Subiu D. Felícia à tribuna, pesada de brocados de ouro e púrpura, depois dos últimos cumprimentos, e, fazendo com o leque um sinal ao sacrista, que a fitava da porta fronteira, à espera de ordens, fez-lhe sinal para romper aquilo a que atrevidamente chamavam musica.

A festa correu o melhor possível. D. Felícia não se cansava de murmurar frases de louvor aos ouvidos da neta pelo modo por que enfeitára a igreja.

— Está um palmito! Um primor!

E muitas outras cousas que teriam encantado Alda, se ela não sentisse pesar-lhe na consciência o nefando crime de ter feito desaparecer a melhor parte do lanche dos padres, em alegre e folgazão convívio com as primas.

— ¿ Estás preocupada, menina, ? Dóe-te alguma cousa ? perguntou, finda a cerimonia, D. Felícia à neta.

— Não, minha senhora. Está aqui uma atmosfera pesada. Logo que saia para fóra . . .

— Então vai, vai indo adiante com as primas, que eu vou à sacristia vêr se o lanche foi servido ao gôsto de suas reverendíssimas.

Alda não esperou que sua avó lhe repetisse a licença. Fez sinal às primas e saiu precipitadamente da igreja.

D. Felícia, com a mesma pompa com que atravessára o templo ao chegar, dirigiu-se à sacristia. Mas, ao entrar ali, empalideceu, vendo como as bandejas estavam parcamente guarnecidas. Os padres, ocupados a tirarem os paramentos, inda não tinham tocado em cousa alguma.

— Senhor João, perguntou irada D. Felícia ao sacrista : ¿ Quem mexeu n'estas bandejas ?

— Que eu visse, ninguém.

— ¿ Então vieram assim do Ferrári ?

— Não senhor, respondeu o velho a mêdo, estavam muito cheias e traziam lindos ornamentos.

— ¿ Quem entrou aqui ?

— As suas netas, minha senhora, e mais ninguém.

O padre Ezequiel, que era muito guloso, corou de raiva e lançou um olhar de receio para as garrafas. Percebendo logo que uma tinha sido desrolhada, lançou mão dela e disse a D. Felícia :

— Não se exalte, minha senhora, deixaram-nos ainda muito por que dar graças à Piedade Divina. Vamos fazer-lhe uma saude para que, durante longos anos, continue animando o zêlo religioso com festas tão bonitas como esta.



¿ Quem entrou aqui? (Pag. 53)

Desrolhou a garrafa, que não deu o costumado estalo, e encheu as taças de água. D. Felícia era muito supersticiosa e cheia de enguiços. Um dos que mais a affigia era a probabilidade de que alguêm lhe fizesse uma saude com água, o que para ela era sinal certo de morte.

— Pelo amôr de Deus! não bebam, que é água!
exclamou a velha aterrada.

E sentou-se num banco próximo para descansar da emoção recebida.

Passados momentos, pediu:

— Padre Ezequiel, faça saltar outra rólha!

Desta vez era *Champanhe* de primeira qualidade, e a saude fez-se com entusiasmo e igual prazer para todos. Quando terminou, D. Felícia pediu:

— Era favor se me dessem hoje a honra de jantar em minha casa.

Os padres iam escusar-se julgando que D. Felícia lhes oferecia uma compensação à exiguidade do lanche, mas ela declarou:

— Queria que assistissem ao castigo da partida que Alda lhes fez.

— Se nos permite interceder em seu favôr...

— Veremos... veremos.

— Então vamos.

*

Ao chegar a casa, D. Felícia não mostrou à neta ter sabido cousa alguma do mau acto que ela praticara. Limitou-se a recomendar:

— Meninas, façam para o jantar uma *toilette* esmerada. Temos visitas.

— Quem são, avó?

— Não é de sua conta. Ser curioso é muito feio.

À hora do jantar, chegaram os padres. Comeram e conversaram animadamente, e já julgavam que D. Felícia tinha perdoado às netas, quando, perto da sobremesa, a porta se abriu e dois criados entraram



Alda é hoje mãe de muitos filhos... (Pag. 57)

trazendo uma mesa volante, sobre a qual se via uma bandeja com bolos muito mal arrançados, e de que as pequenas não gostavam, e taças de *Champanhe* cheias de água.

— As meninas, agora, passam para aquella mesa para saberem que se não dá aos outros o que para nós não queremos.

Alda e as primas, envergonhadas e vermelhas como pimentões, não se atreveram a dizer nada.

Os padres intervieram a favôr das culpadas, e D. Felícia perdoou, mas disse em tom sentencioso esta frase que as pequenas nunca mais esqueceram :

— Saibam, meninas, que quem quer rir á custa alheia acaba sempre por chorar.

Realmente, as lágrimas caíram em abundância dos olhos de Alda e das primas, apesar dos dôces, do vinho e do perdão.

E' que a lição foi dura, mas aproveitou.

Alda é hoje mãe de muitos filhos e, contando-lhes as maldades que fazia na sua meninice, diz-lhes que, de todas, a que lhe deixou pior recordação foi esta, pela grande vergonha que sofreu.





VI

Berta teve de presente
Pastilhas de chocolate
Numa caixa de cristal
E de veludo escarlate.

Alegre com a lembrança,
Logo no chão se sentou
E, uma após outra, as pastilhas
Rapidamente papou.

— Não comas tudo, menina,
Guarda o resto p'ra amanhã.
— São tão gostosas! tão boas!
Deixe-m'as comer, mamã.

Contrariada, a senhora
Volveu muito ressentida :
— Eu não me importa que comas
Se te não fizer mal, qu'rida.

«Mas receio que adoeças
«Por tão grande disparate,
«Pois nunca ninguém comeu
«Dêsse modo chocolate.»

Berta era muito teimosa.
Fingindo não entender,
Só deixou a caixa, quando
Já não tinha que comer.

*

Passado um grande bocado
Sem que a sentisse brincar,
A mãe de Berta pensou
Onde poderia estar

Tão entretida a pequena,
Que não fizesse rumor.
Foi encontra-la na cama,
Toda torcida de dôr.

Chamou-se o medico logo,
Que declarou, mal a viu:
— Comeu demais chocolate...
E como é que consentiu?

— «Tinha almoçado, talvez,
«Há cousa de meia hora,
«Quando chegou êsse brinde
«Que mandou a prima Aurora.

«Bem lhe neguei a licença :
«Mostrei-lhe os p'rigos que havia ;
«Mas ela, sem me atender,
«Tudo num pronto engulia.



Foi encontrá-lo na cama... (Pag. 60)

«Depois, como não a ouvisse,
«Vim cá dentro procura-la
«E, no estado em que a está vendo,
«Foi como vim encontra-la.»

O doutor disse zangado :
— E' sempre culpa dos pais,
Quando as criancinhas morrem
Destas e de outras que tais.

Depois de muito sofrer,
A Bertazinha escapou
E nunca mais da comida,
Sem calcular, abusou.

Se alguém insistia, ás vezes,
Para que comesse mais,
Se via que não devia
Respondia que seus pais

Não queriam que apanhasse
Cólica ou indigestão.
E a história do chocolate
Contava com emoção,

Acabando por dizer:
— Eu não quero tornar mais
Que, se eu morrêsse, afirmavam
Ser por culpa dos meus pais.

«Os quaes nunca — coitadinhos! —

«Se haviam de consolar.

«As tolices fôram minhas,

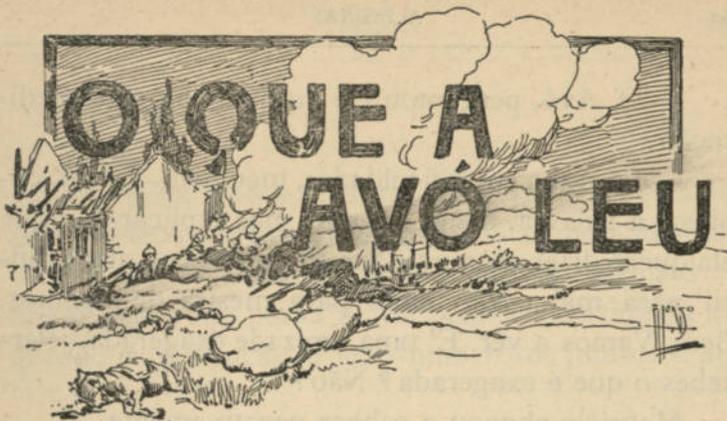
«Êles ouviram ralhar.

«Agora tenho juizo

«Porque a cólica é má dôr.

«Aprendi á minha custa,

«Segundo diz o doutor.»



VII

«Na guerra, as mulheres têm geralmente uma missão muito mais simpática do que os homens. Enquanto êles, cheios de ódio, espumando de furor, se lançam aos seus semelhantes, na ânsia felina de lhes arrancar a vida, elas tratam os feridos e procuram reparar o mal que os homens fazem. E a sua piedade não vai só para aqueles que defendem a causa que lhes interessa: estende-se a todos, amigos e inimigos, que o ódio mútuo tem posto fóra de combate. Na actual guerra Europea, ha dedicações femininas dignas de todo o louvor, mas ha ainda mais do que isso: ha grandes dedicações infantis.»

Isto lia, num jornal da manhã, a avó do pequeno Maurício, enquanto êle, muito entretido, se divertia alinhando sobre a mesa os seus numerosos regimentos de soldados de chumbo.

— O' Avó, perguntou êle ; o que vem a ser dedicação?

— Pões-me em dificuldades, meu neto. Eu sei, conheço a palavra, a sua origem ; mas explicar-te o que ela quiere dizer de modo que tu entendas é que é difficil para mim. Não nasci para mestra de meninos. Bem. Vamos a vêr. E' uma amizade exagerada. ; Percebes o que é exagerada ? Não ?

Maurício abanou a cabeça negativamente.

— Mais do que deve ser. ; Entendes ?

— Isso já me faz sentido.

— Pois bem ; é um carinho que não poupa a pessoa que o sente porque, geralmente, a leva a incomodar-se, a contrariar-se e a prejudicar-se pelas outras pessoas.

— Então, quem tem dedicação por alguêm é tolo.

— Não, meu neto, é bom.

— E infantil ?

— E' o que é proprio das crianças. Quere dizer, são actos de interesse pelos outros, praticados por crianças. ; Percebes ?

Maurício, rindo, respondeu :

— Apesar da minha avó dizer que não tem geito nem nasceu para mestra de meninos, ensina-me melhor que *miss* Dorley. Estou tentado a trocar.

— A mim é que me não convem a substituição. Tu és muito mau de aturar.

— Não fale nisso para me não tornar pior. Leia-me essa dedicação infantil.

— Aí vai.

E leu:

«E' pena que a censura não deixe dizer os sítios onde os factos se passaram, o que tornaria muito mais interessante a leitura desta notícia. Os alemães tinham penetrado numa aldeia belga, onde tinham saqueado a povoação e feito numerosos mortos e pri-



... alinhando sobre a mesa... (Pag. 63)

sioneiros. Alguns camponeses, que puderam fugir, conseguiram abrigar-se numa granja, que ficava a duas léguas de distância, em terreno ainda não ocupado. O proprietário da granja recebeu o melhor que pôde os foragidos, e, á noite, sentados á volta da mesa que ocupava o centro da grande cozinha, os recémvindos contavam aos seus bons hospedeiros as scenas terríveis que haviam presenciado, o que os não impedia de fazerem galhardamente as honras da ceia.

«Sentada em frente dêles uma pequenita loura,

que talvez não tivesse mais de dez annos, escutava-os com tanta atenção, que, por mais duma vez, ficava com o garfo suspenso na mão, esquecida de o levar á boca, o que só fazia quando a mãe lhe perguntava :

« — ; Então tu comes ou que fazes ?

« O mais velho dos tres homens contou o modo cruel como haviam morto uma mulher. E, muito compungido, ajuntou :

« — O que me fez mais pena é que o filho dela, uma criança dum anno, ou pouco mais, foi atirado para a vala, á beira da estrada. Tenho ainda o seu chôro nos ouvidos.

« — ; E não o mataram ?

« — Creio que não.

« — Talvez alguêm tomasse conta dêle.

« — ; Quem ?

« — Os homens e mulheres, que não fôram mortos, fugiram, e os velhos e os covardes meteram-se em casa a vêr se escapavam ás iras dos ferozes teutões. Isto, se não é certo, é o mais provavel, informou outro dos fugitivos.

« Tecla, — era o nome da pequenina, — sentiu cerrar-se-lhe o coração de mágua, e as lágrimas correram-lhe ao longo das faces.

« — Vai deitar-te, rapariga. Estas conversas não são para ti, disse-lhe a mãe com mau modo.

« A pequena desejou a todos bôa noite e retirou-se.

« Logo que se viu só no seu quarto, pôz dentro da

cama uma porção de roupa de modo a fazer o volume do seu corpo, e, vestindo um casaco mais grosso, desceu a escada pé ante pé. Quasi rastejando, para não ser vista pelos guardas da propriedade, aproximou-se da sebe que separava da estrada pública as terras de seu pai. Conseguiu transpô-la, não sem dificuldade, e com precauções infinitas e o coração a pulsar-lhe de medo, tomou o caminho da povoação, que ela tanta vez percorrera alegremente com outras crianças da sua idade para irem frequentar a escola. Quando já estava muito perto, percebeu que a povoação tinha sentinelas. Então olhou em volta e, não vendo outro meio para conseguir o fim que tinha em mira, desceu á vala, e, lentamente, com a marcha dificultada pelas ervas e arbustos que a pejavam completamente, conseguiu penetrar, sem fazer rumor que despertasse a atenção das vedetas, no interior da aldeia. Era fundo o silêncio. Os vencedores, fatigados, aproveitavam os louros da victoria dormindo a sono solto. Tecla, depois de observar muito tempo em volta de si e de se capacitar de que as sentinelas reservavam a vigilância para o exterior da povoação, atravessou rapidamente a rua e dirigiu-se ao valado onde ouvira contar que tinham deitado a criança. Pareceu-lhe sentir um gemido. O coração alvoroçou-se-lhe. Desceu como pôde e encontrou o pequenino com os sentidos perdidos.

« — ¡ Está morto! pensou ela com terror.

« E ia retirar-se, aterrada. Mas, lembrando-se de

que tinha sido um gemido fraco que a chamára ali, disse consigo :

« — Não, não deve estar morto. Sofre muito, é o que é.

• Abaixou-se, tomou-o com geito nos braços e retro-



... e encontrou o pequenino... (Pag. 67)

cedeu pelo caminho por onde viera. Ao chegar junto da entrada da povoação, ouviu os soldados soltando o grito de alerta e julgou-se descoberta. Ia desmaiando de susto. Ficou muito tempo quiéta. Depois, vendo que se enganara, retomou o seu caminho. Logo que passou os postos avançados e se convenceu de que estava bastante longe, voltou á estrada. Estava exausta, mas apesar d'isso proseguia sem afrouxar o passo.

Ao chegar junto da propriedade paterna, dirigiu-se á porta e tentou levantar-lhe a aldraba. Sentiu aper-
rar uma espingarda, ao mesmo tempo que a voz de
Leonardo, velho criado de seu pai, perguntava, num
tom não isento de inquietação:

« — ¿ Quem está aí?

« — Sou eu, Leonar-
do, é a tua menina. Abre.

« — Eu seja pendu-
rado vivo se esperava por
esta! exclamou, espanta-
do, o velho.

« E perguntou a se-
guir com desconfiança:

« — ¿ E está só?

« — Não. Estou com
o menino pequenino em que falaram os nossos hós-
pedes e que eu fui buscar.

« A porta abriu-se precipitadamente e o velho apa-
receu no limiar.

« O dia começava a romper. Tecla, sem poder
mais, deixára-se cair no chão.

« O criado soltou um estrídulo assobio a que ou-
tro respondeu. Momentos depois, um forte mocetão
apareceu junto dêles:

« — ¿ Que é, pai?

« — Olha para isto, exclamou Leonardo comovi-
do. A nossa menina pode dar lições de valentia a to-



Estou com o menino pequenino...

dos os homens da casa. Nenhum de nós se atreveu a lá ir, apesar do dó que sentiu, e ela, tão pequenina e fraca, deu-nos uma grande lição. Eu por mim sinto-me corar.

«O rapaz tomou Tecla nos braços e o velho pegou no pequenino. Fecharam a porta e, atravessando a quinta, fôram por sua vez bater á porta da casa.

«O pai e a mãe de Tecla não podiam crer o que os seus olhos viam. Não ralharam á filha por ter saído sem licença porque o seu estado fazia dó. Fôram metê-la na cama e ocuparam-se também de prestar socorros á infeliz criança que podia ter custado a vida á sua querida filha.

«O pequeno salvou-se, mas ficou com uma perninha defeituosa, talvez devido á brutalidade com que o atiraram para o valado. Tecla, dois dias depois, estava restabelecida da grande emoção que sofrera e recebia os louvores dos seus compatriotas e da nação franceza que lhe enviou a Legião de Honra. O dono da Granja adoptou o pequeno. Diz êle que, tendo Deus feito o milagre de lhe conservar a vida da filha em tão perigoso transe, êle entende do seu dever fazer do pequerrucho um homem digno do acto da filha. O que equivale a dizer que o quer tornar um homem bom, que honre a sua família e cubra de glória a pátria nobilíssima de que êle deve ter orgulho e vaidade.»

— ; Acabou-se? perguntou Maurício á avó logo

que esta, pondo o jornal sobre a mesa, terminou a sua explicação.

— Acabou. ¿E agradou-te?

— Muito. Essa pequena ha de ser alguêm, disse êle com ar sentencioso.

— E tu? perguntou a avó sorrindo.



... levou o lenço aos olhos... (Pag. 72)

— Eu também, mas de outra fórma. Bem vê que sou homem.

E, voltando-se para a mesa, ordenou á sua cavalaria, com voz estridente:

— Eh! rapazes! á carga!

Mas os pobres soldados de chumbo ficaram imóveis. Maurício, voltando-se para a sua avó, disse-lhe com gravidade:

— Quando eu fôr homem e comandar soldados de carne e osso, hei de, como um bom general, leva-los á glória vencendo.

— Se puderes, comentou a bôa senhora.

— Se não puder, dar-lhes-hei o exemplo de como um homem e um portuguez sabe morrer heroicamente.

— Bravo! meu neto! Deus te dê uma morte gloriosa para epílogo duma bela vida. É o melhor que pode e sabe desejar-te a tua velha avó.

E, como vida, a velha senhora levou o lenço aos olhos para limpar uma lágrima importuna, enquanto abraçava o seu pequenino neto, tão cheio de nobres ambições.



A CANTIGA DE

MARCELO



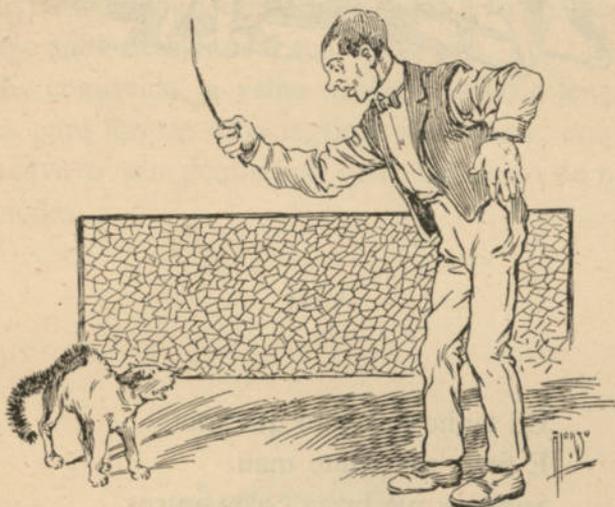
VIII

Eu tenho um gato que mia
E finge ser muito mau.
Sempre que briga co'os outros
Faz : *minhau-nhau-rinhau-nhau!*

Um dia, partiu a chávêna
Onde eu tomava cacau.
A minha tia bateu-lhe.
Fez : *minhau-nhau-rinhau-nhau!*

Tal maldade fez no chão,
Que lhe quiz chegar co'um pau.
Êle então, muito irritado,
Fez : *minhau-nhau-rinhau-nhau!*

Pela rua uma varina
Apregõa carapau.
Ao senti-la, o meu amigo
Faz : *minhau-nhau-rinhau-nhau !*



Que lhe quíz chegar co'um pau (Pag. 73)

Passa junto d'uma obra.
Cai, lá de cima, um calhau.
Voltou-se, para o pedreiro,
Fez : *minhau-nhau-rinhau-nhau !*

Quando eu entro em casa, á noite,
Vem ao ultimo degrau
Receber-me alegremente
E faz : *minhau-rinhau-nhau !*

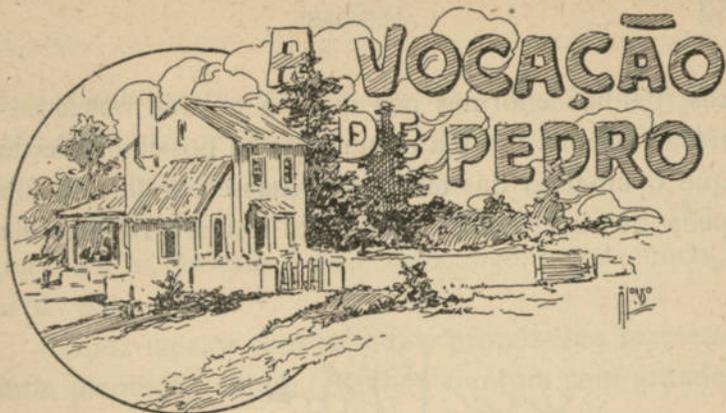
Tenho uma gaita de ferro,
Que se chama berimbau.
Quando ouve a gaita tocar,
Faz: *minhau-nhau-rinhau-nhau!*

Tem este grande maroto
Um lindo nome: é o Jau.
Assim que chamo, responde:
Minhau-rinhau-rinhau-nhau!

Mas arranhou o criado
E vai pagar o patau.
Logo que êle o castigar
Faz: *minhau-nhau-rinhau-nhau!*

Porém hei de o consolar
Com iscas de bacalhau.
Êle ha de esquecer a sova
Com *minhau-nhau-rinhau-nhau!*





IX

Ainda ninguém pensava em fazer a festa denominada de *A Arvore*, e já em casa do mórgado de Entre-Rios ela se fazia anualmente com uma simplicidade encantadora. O Mórgado não era muito rico, embora fosedono duma grande extensão de terrenos, que não podia cultivar por falta de meios. Muito amigo de grandes árvores e boas sombras, fazia todo o ano umas parcas economias, que em fins de fevereiro gastava na compra de árvores, que êle e os membros da família plantavam por suas próprias mãos. E penduravam-lhe do tronco uma taboinha com a data da plantação, o nome da árvore e o da pessoa que a tinha plantado.

Esta idéa da festa de *A Arvore* viêra ao Mórgado dum modo curioso. Êle desolava-se sem saber onde ir buscar dinheiro para o custoso cultivo das suas ter-

ras, baldios enormes nos quais a enxada nunca entrara. Depois, um dia ouviu falar na possibilidade de que o amanho das terras se tornasse obrigatório sob pena de reverterem a favor do Estado. Isto fez-lhe



E penduravam-lhe do tronco uma taboinha... (Pag. 77)

enorme impressão, porque, na sua consciência, pareceu-lhe uma medida justíssima.

Então começou a pensar no modo por que, sem dispendir o dinheiro, que não tinha, poderia assegurar o direito às suas propriedades. Lembrou-se então

de plantar árvores por ser um modo de garantir com pouca despesa a posse dos seus terrenos e, para poupar trabalhadores, disse aos filhos :

— Rapazes, quem trabalha para seus pais trabalha para si. O que é hoje meu, logo que eu môrra, será vosso.

Expôz-lhes os seus receios e propôz-lhes fazerem uma plantação anual. Os filhos anuíram com grande entusiasmo e procedeu-se á escolha das árvores.

O pai quiz que se plantassem eucaliptos nos terrenos mais húmidos, e disse ao seu João, que era como êle chamava ao filho mais velho :

— ¿ Sabes porque dou a preferêncía a esta árvore ?

— Não. O pai dirá.

— Porque é bôa para sanear os pântanos. Desenvolve-se muito rápidamentee e a sua madeira é excelente e paga-se bem.

— O nome é que é muito feio.

— Para quem lhe não conhece a significação ; mas para aqueles que a sabem é até engraçado.

— ¿ E que quer dizer eucalipto ?

— *Cubro bem*. E' uma palavra formada de duas palavras gregas que têm esta significação.

— Mas ela não dá sombra nenhuma !

— É justamente nisso que está a graça do nome : é uma ironia. Esta árvore nunca apresenta a superfície das fôlhas ao sol : vai-as sempre voltando de cutelo. Do eucalipto apimentado extrai-se um óleo

ou essência, menos picante do que a ortelã pimenta e que a substitui com vantagem.

— ¿Dá flôres?

— Dá. De côm amarela. E com as sementes que têm um feitio original, e são em abundância, fazem as pessôas habilidosas bonitas suspensões para flôres, molduras para retratos, caixas para luvas, etc. O chá destas fôlhas é recomendado para certas doenças, e as suas fôlhas e sementes são de grande efeito contra a traça.

— Então, pai, olhe que a plantação de tal árvore deve ser de grande vantágem.

E, vindo a Lisboa, o Mòrgado de Entre Rios conseguiu adquirir por um preço relativamente módico tresentos eucaliptos e com êles fez a primeira plantação nos seus vastos baldios. Os rapazes, interessados pelo pai com a idea das grandes vantágens que as plantações lhes haviam de trazer para o futuro, juntavam todos os vintêns que lhes davam, no empenho de, no fim do ano, adquirirem ao menos uma árvore á sua custa.

Pedro, que era o mais novo dos tres irmãos, disse um dia á sua madrinha, uma senhora de grande fortuna, a casa da qual ia jantar todos os domingos:

— O meu pai e os meus irmãos fazem bem. Mas eu tinha cá outra idea.

Pedro contava apenas nove anos e era muito esperto. A madrinha, que não tinha filhos, morria por êle e gostava muito de o ouvir discorrer, dizendo que,

pelo seu propósito, êle parecia exactamente um homem pequenino. Divertida com a conversa do seu afilhado, a bôa senhora perguntou :

— ¿E que idea era a tua ?

— Comprava roseiras do Japão e punha-as em volta da minha casa, no maior espaço de terreno que pudesse, e, logo que elas dessem flôres, colhia-as e mandava-as vender a Lisbôa. Ali ha muita água, as plantas dão-se muito bem, e eu preferia negociar em flôres, que são tão bonitas, a negociar em madeiras, cortando sem dó as lindas árvores, semeadas e plantadas com tanto amôr, para as vêr ir para longe de nós, de poisde nos terem dado durante anos o prazer de as vêr crescer, a umas, e outras o de nos abrigarem á sua sombra.

— Tens razão.

— ¿Pois não tenho? perguntou o pequeno animando-se. Vendia as flôres e conservava sempre as plantas, e, mesmo que me decidisse a vender estas, não teria o desgosto de lhes vêr lançar o machado, que é um acto tão brutal.

— Isso, primeiro que elas estejam em estado de serem cortadas, vai quasi uma vida.

— Não é tanto assim. O eucalipto, por exemplo, é uma árvore que se faz rapidamente.

— Mas, dize cá, Pedrinho; se tu tivesses as plantas, ¿como é que tratavas delas sendo tão pequenino?

Pedro meditou um instante e respondeu :

— Dava ao meu pai uma parte do lucro e êle en-

sinava-me como havia de fazer. Se fôsse preciso que os meus irmãos trabalhassem, dava-lhes uma parte dos lucros relativa ás canseiras que tivessem tido. ¿ Não era justo?

— Muito. Estou contente com o teu modo de pensar em tão vêrdes anos. Lembra-me um episódio da infância duma conhecida e festejada escritora portuguesa.

— ¿ Quem é?

— O nome não te digo, mas é-te fácil adivinhar quando eu te referir que é uma das senhoras que ha mais tempo tem escrito livros para crianças e tem um pai que é juiz.

— Já sei. E' a D. Ana.

— Exactamente. Quando ela tinha apenas 8 anos, seu pai venceu uma causa importante a favôr duma rica proprietária. Quando deu a esta a notícia, levava a filha pela mão.

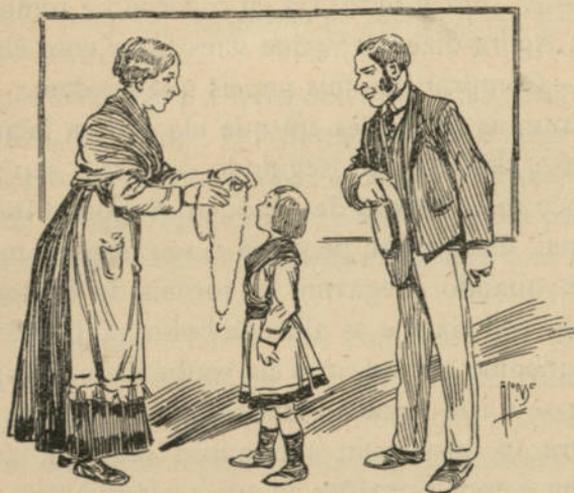
Num ímpeto de reconhecimento, a proprietária tirou do pescoço um grosso e bonito cordão de ouro, que pesava cento e cinquenta mil réis, e lançou-o em duas voltas ao colo da criancinha, dizendo:

« — Para te lembrares, quando fôres grande, que acompanhavas teu pai, na ocasião em que êle me deu uma das mais agradáveis notícias que tenho recebido na minha vida.

« Isto passava-se numa aldeia que ficava a alguns kilómetros de Mangualde, onde a pequenina morava com a sua família. Voltando para casa, a pequerru-

cha ía pensativa. O pai estranhava-a, mas não dizia cousa alguma. Quando entrou no seu escritório, sentiu-se puxar pelo casaco e viu a pequena que, em vez de ir ter com a mãe, como êle mandára, o seguira.

« — ¿ Que queres tu ?



... e lançou-o em duas voltas... (Pag. 82)

« — Saber o valor disto.

« E mostrava o cordão.

« — Cento e cincoenta mil réis.

« — ¿ E' muito dinheiro ?

« — Já não é pouco.

« — O pai podia fazer um negócio comigo.

« — Um negócio !... Qual ?

« — Comprar-me o cordão. Este enfeite é bom de-

mais para mim que sou pequena. O pai compra-o. Eu vendo-o barato, e o pai dá o cordão á mãe, que é para quem êle é próprio.

«Divertido, o pai perguntou-lhe :

« — ¿ E quanto queres tu pelo cordão ?

« — Cem mil reis.

« — E' dito e feito. Dá cá o cordão e toma o dinheiro. Agora dize-me : ¿ que vaes fazer com êle ?

« — Comprar dos tais papeis que rendem.

«Eram as inscrições em que ela ouvira falar. Assim fez e, desde então, seguindo sempre o seu palpite, nunca mais deixou de negociar. Segundo me contou o pai, tomava em pequena o seu negócio muito a sério e, quando chegavam os jornais do Porto, queria saber as baixas e as altas da bolsa, no interesse do seu pequenino capital, que ela soube fazer prosperar. Chama-se a isto vocação comercial.»

«Ora tu, proseguiu a bondosa senhora, com a tua ideia e com as razões de que a acompanhas, mostras também precocemente qual é a tua vocação. Como teu pai luta com dificuldades, não pode fazer-te o mesmo que fez o pai da minha interessante amiga, nem tu tens cordões de ouro para vender. Mas, como eu sou tua madrinha e, graças á Providência, não me faz falta o dinheiro, quero demonstrar-te que sou tua amiga e me interesso pelo teu futuro. Mais tarde, quando eu morrer, has de lembrar-te que me deves o primeiro negócio que tiveste. Amanhã mandarei o meu jardineiro á cidade buscar as primeiras remessas de

Japoneiras e de outras plantas de bonitas flôres e será êle e os meus criados que irão arranjar o teu jardim. Depois de pronto, entender-te-has então com teu pai e irmãos para o manterem.

Pedro não podia acreditar o que ouvia.

Num ímpeto de reconhecimento, que muito pe-nhorou a senhora, lançou-se ao seu pescoço e cobriu-lhe o rosto de beijos.

Quando chegou a hora de voltar para casa, Pedro despediu-se da snr.^a D. Marta e, sem se fazer rogar, como costumava, e lançou-se a correr pela estrada na ânsia de chegar rapidamente para dar a seu pai a novidade que êle julgava, e com razão, que o ía encher de júbilo.

O Morgado de Entre Rios estava sentado junto da janela lendo os jornais de Lisbôa, quando viu ao longe o filho que parecia voar em direcção a casa. Pensou que êle vinha fugindo de qualquer pessôa e apressou-se a ir ao seu encontro.

— ¿ Que é isso ? ¿ Que tens tu, que pareces uma lebre fugindo ao caçador ? perguntou-lhe o pai logo que chegou a distância de ser ouvido.

— E' que trago uma notícia muito agradável, pai. Vou pôr um negócio.

— Tu ?! exclamou o pai, rindo.

— Eu, sim, se o pai der licença.

E o pequeno Pedro contou a conversa que tivera com a madrinha e as promessas que ela lhe fizera.

O Morgado abraçou o seu filho mais novo e disse-lhe :

—Deus te proteja, Pedro. Eu tenho fé em que has de ser feliz e trazer a prosperidade a esta casa.

E, pegando no chapéu, o Morgado foi agradecer á madrinha de seu filho a generosidade das suas intenções.

Logo no dia seguinte, pela tarde, receberam a notícia de que duas carroças, carregadas de plantas, deviam chegar a Entre-Rios de madrugada.

Na quinta quasi ninguê m dormiu, tal era o entusiasmo da expectativa.

Uns poucos de homens, de enxada ao ombro, vieram, mal rompeu o dia, começar a preparar os canteiros, lotar a terra e prepara-la a receber a futura prosperidade de Pedro.

Os pequenos, que também queriam trabalhar, fôram encarregados de mondar as hervas.

Em menos de dois meses as terras que circundavam a casa na distância de kilómetro e meio fôram completamente transformadas num esplêndido horto, e, um ano depois, as japoneiras e todas as outras plantas, habilmente escolhidas para darem flôres umas após outras, começaram a encher-se de botões, e o pai de Pedro veio á cidade para contratar com as floristas elegantes o fornecimento das suas lojas. Nesse ano, o lucro foi relativamente pequeno; mas, nos seguintes, foi aumentando progressivamente até se tornar um capital importante. Então os hortos aumenta-

ram em grande extensão e o resto da vasta propriedade foi instantaneamente recoberto por esplêndidas árvores de várias espécies e por um belo e frondoso pomar.

O Morgado de Entre-Rios tornou-se rico e, depois



... e o resto da vasta propriedade...

de ser rico, riquíssimo. E, quando falava na sua fortuna, dizia sempre :

— E' o Pedro que tem nela a grande parte porque é devido a êle que eu pude fazê-la.

Os irmãos, que são muito bons rapazes, não têm inveja, e concordam que, se não fôsse o Pedro, não gozariam todos de tão completo bem estar. Mas o destino quiz recompensa-los também pelo seu génio trabalhador e pelas suas boas qualidades.

A senhora D. Marta morreu e, como não tinha herdeiros forçados e gostava imenso do afilhado, deixou-lhe a sua colossal fortuna. Vendo-se tão rico, Pedro, que não era egoísta, dividiu a fortuna com seus irmãos e foi assim que, sendo êle o mais novo, todos o consultavam nas suas aflicções e seguiam os seus conselhos por serem sempre bons e acertados.

Como nêle encontravam pretensão e amparo, chamavam-lhe o pai Pedro em vez de lhe darem o nome de irmão.

Êle sentia-se reconhecido por aquela prova espontânea de affecto e, aceitando o nome de pai, que os irmãos lhe davam, desempenhava-se fielmente dos encargos dum verdadeiro pai.

O Morgado de Entre-Rios morreu muito velho. Ao expirar, disse ao médico, que lhe assistia aos últimos momentos:

— Môrro feliz porque fui justo. Deixo os meus filhos tão bem, que até lhes fica um pai, e a êsse, único a quem o pai falta, ficam-lhe em compensação dois filhos extremosos.

Era assim.

Pedro não casou, mas aconselhou seus irmãos a que o fizessem com raparigas pobres e virtuosas do lugar.

Êles seguiram-lhe o conselho e, hoje, na grande quinta de Entre-Rios, sentam-se em volta da mesa vinte pessoas de família. No lugar principal, Pedro

desempenha-se das funções de pai e de avô, e todos têm por êle o mais profundo respeito, ouvindo sem-



Ao expirar, disse ao medico... (Pag. 88)

pre, como se fôsse pela primeira vez, a história da origem da sua fortuna, que êle conta, no ano, pelo menos uma dúzia de vezes.





DAS FESTAS ÀS VESPERAS



X

O conselheiro Faustino,
Repimpado na cadeira,
Saboreando um bom charuto,
Pensava desta maneira :

— « Hei de ir, hoje á noite, ao baile
« Da minha prima Guiomar.
« Sinto cócegas nos pés
« Com desejo de dansar.

« Ha tanto tempo que tenho
« Uma vida socegada,
« Que, só de pensar no baile,
« Sinto a minha alma encantada!

«Ha mesas de voltarete
«P'ra os homens da minha idade ;
«Mas eu prefiro os folguedos
«Mais próprios da mocidade.

• A ceia deve ser bôa,
• Pelo que eu ouvi dizer.
«Comerei pouco ao jantar
• Para melhor me saber.

«Levarei casaca nova
• E rosa na botoeira.
• Fará inveja aos rapazes
• Um velho desta maneira.»

Lançando um olhar ao espelho,
Muito contente consigo,
O Faustino repetia :
—«Tenho em mim um bom amigo.

«Ninguêem gosta mais do que eu
«De quanto me dá prazer,
• Nem tem mais pena de mim,
«Quando estiver p'ra morrer.

• Por isso me não casei
«E gosto de viver só.
• Tenho por mim muita estima
• P'ra desejar sentir dó.

«Em cuidados na saúde
«Vão-se os meus dias passando.
«O mundo finda p'ra mim
«Em a vida se acabando.



Lançando um olhar ao espelho (Pag. 92)

«; Que importa que todos digam
«Que êle ha de continuar?
«Não tenho nada com isso
«Depois de á terra baixar.

«Não é bom para a saúde
«Perder a noite a dansar,
«Mas uma vez não são vezes...
«Muito vou rir e folgar!

*

Na festa, o bom do Faustino
Teve uma desilusão.
Não achou nem um momento
Quem lhe prestasse atenção.

Ninguém quíz dançar com êle,
Nem mesmo a prima Guiomar,
Que lhe disse: — Noutra sala,
Achará com quem jogar.

Retirou-se muito triste
E, ao ir deitar-se, pensou:
— «Que fui eu fazer ao baile,
«Se nada ali me int'ressou?

«Pensei divertir-me tanto
«E volto tão desolado!
«Convenço-me que é verdade
«O que já li num ditado:

«Tem o *antes* tal encanto,
«Que o presente empalidece.
«Torna o *depois* desolado,
«Como um dia que esmorece.



Retirou-se muito triste (Pag. 94)

«Fiz muito mal de ir ao baile
«Porque, se me diverti,
«Foi enquanto estive em casa
«E não depois que saí.

«Quando quizer divertir-me,
«Em pensamento o farei.
«E posso, em todas as festas,
«Ter mais sucesso que um rei.

• Deitado na minha cama,
«Dou asas á fantasia
• Até que o sono me leve,
• Brandamente, ao outro dia.

«A recordação da festa,
«Que só em sonhos terei,
«Será bem melhor do que esta
• De que tão triste voltei.»





XI

— Leve-me ao Dáfundo para vêr o aquário, papá, pedia Gil, trepando para o colo do pai e fazendo-lhe mil carficias, no empenho de conseguir o seu desejo.

— Hoje não estou disposto, deixa-me, voltou Júlio Leal, aborrecido.

Mas o garotinho não se deu por vencido e, continuando a afaga-lo, disse:

— Deixava, deixava, se me sentisse inclinado a ficar em casa; ; mas eu tenho tanta vontade de passear, de ir vêr os peixes, de brincar e correr pela areia apanhando conchinhas, e de comer belos palitos de Oei-

ras e magníficos Esquecidos! Só de os lembrar, sinto a água crescer-me na boca!...

O pai sorriu:

— Já está de melhor umor o meu querido papá! Estou mesmo a vêr que me vai mandar vestir.

— Pois vês mal, porque não faço tenção de pôr o pé na rua.

— ¿Nem que me veja chorar?

— Isso seria até uma razão para ficar em casa.

— ¿E se a mamã pedir?

— Não pede. Ela sabe demais que eu não posso sair.

— Porque não quer...

— Porque não devo. Estou á espera do tio Manuel que ficou de vir cá.

— Com um dia tão bonito, êle não virá.

— Isso vem porque prometeu.

A campainha da porta soou.

— Vês? Êle aí está.

Sem nada repondêr, Gil deitou a correr pelo vasto corredor e foi á porta da rua receber o tio.

— Ora viva o meu rapaz! bradou o recémvindo, mal o avistou. Está cada vez mais gôrdo.

— ¿E mais alto, não? perguntou o pequeno com ansiedade.

— Tambêm, mas a diferença não é tão sensível.

— Tenho um favôr a pedir-lhe, tio.

— ¿Logo de entrada?

— E' que lá dentro não é possível.

— Dize então.

— Veja se convence o papá a ir dar um passeio.
; Está um dia tão bonito para andar na rua!

— Ah! Tens vontade de tomar ar... ; E que tal vamos de lições?

— Bem. As notas são melhores do que as dos outros da aula.

— Nesse caso, não tenho um motivo para te recusar o que pedes.

E entrando no escritório do cunhado, Manuel Pereira propoz:

— ; E se nós fôssemos dar um passeio?

— ; O Gil já te encarregou da embaixada?

— Não, mas é que está um dia verdadeiramente encantador. Pode dizer-se como a canção:

Não bole a folhagem
Nem treme uma flôr.

— Vai dizer á tua mãe que te mande vestir, bregeiro, disse o pai a Gil.

Este não se fez rogar e saiu correndo. Minutos depois, voltou envergando um bonito fato de marinheiro com calça até ao pé.

— Cá estou.

A mãe seguia-o trazendo na mão um chapéu de palha.

— Se queres saír para sítio onde não haja arvo-

redo, é melhor que o pequeno leve o chapéu de palha em vez da boina.

— ¿Vamos lá?

— Vamos. Então, adeus, até logo.

E todos se despediram afectuosamente da mãe do



... envergando um bonito fato de marinheiro (Pag. 99)

pequeno Gil, a qual, abrindo um guarda-sol, se debruçou na janela a vê-los ir.

Meteram-se num carro e tomaram o desejado caminho de Algés. Gil ía radiante. Logo que se apearam, compraram bolos e fôram para a praia, onde o nosso homem os saboreou vagarosamente, ouvindo com atenção a conversa em que o pai e o tio se entretinham; mas, quando no papel só restavam miga-

lhas, correu para a borda de água e começou a apanhar as conchinhas e búzios que encontrava na areia. Quando já tinha cheio o balde de fôlha, que trouxera para brincar, foi coloca-lo junto de seu pai e começou, ajudado da pá, a fazer construções na areia. Ouvindo dar tres horas num relógio distante, o pai de Gil chamou-o e disse-lhe:

— Meu rapaz, se queres vêr o aquário, é tempo de nos dirigirmos para lá. Não quero chegar a casa mais tarde do que é costume.

Logo que entraram no Aquário, Gil corria duma piscina a outra, naquela ânsia de vêr tudo a um tempo, que é natural em quasi todas as crianças, se prudentemente lhes não ensinam a ter o método necessário no exame das cousas, para dêle poder tirar proveito.

— ; Que é isto, papá?

— E' um lagostim.

— Que peixe tão exquisito!

— Já o ano passado te disse que isso não era um peixe.

— ; Então o que é?

— E' um crustáceo.

— ; E porque lhe chamam assim?

— Porque estes animais, em vez de pele, têm uma espécie de crusta duma certa dureza que lhes serve de resguardo.

— E' um animal muito feio.

— Feiíssimo, e, como vêmos, dum feitio extravagante.

— ¿ Não tem cabeça?

— Tem, mas é até meio corpo: é formada por uma só peça envolta numa carapaça resistente. E estes quatro membros, finos e flexíveis, que lhes ladeiam a cabeça, ¿ sabes o que são?

— Eu não, papá.

— São as antenas.

— ¿ Tem duas grandes e duas mais pequenas?

— Exactamente.

— ¿ E para que lhe servem?

— Para apalpar.

— ¿ Sempre tem muitos pés!

— Tem dez se contares com as pinças.

— E' o mesmo, disse Gil, prefiro ter só dois pés a ter tantos sendo tão feio. Estou contente por não ser um animal assim.

E, tendo feito êste elogio do crustáceo, Gil correu para outra piscina diante da qual ficou embasbacado até que o pai e o tio, se lhe vieram juntar, rindo e fazendo comentários ácerca da grande satisfação que êle mostrava não ser lagostim.

— ¿ Que estás a vêr com tanta atenção, Gil? perguntou-lhe o tio.

— Estou notando a semelhança destes animais com alguns búzios que eu tenho aqui no meu balde.

— ¿ Sabes o nome dêles?

— Pedro, o Ermita: é o que vejo escrito aqui.

— Agora o que tu não sabes é porque êle tem êsse nome.

— Não sei, mas o tio vai dizer-mo, ¿ pois não vai?

— Êste animal, muito pequenino, pertence á família dos camarões que acabamos de vêr, mas tem uma grande barriga, o que o torna muito exposto a ser engulido pelos outros animaes. Então procura conchas vazias e anda com elas tendo o cuidado de só deixar aparecer no exterior a extremidade das patas e das pinças.

— ; Isso é muito engraçado ! ; Então êles aproveitaram para o seu uso as casas que os outros abandonaram ?

— Exactamente.

— ; E não põem escritos nelas como as pessoas para dizer que estão para alugar ?

— Não, volveu-lhe o tio rindo. Nas águas, a liberdade é grande, embora os perigos sejam maiores. Todos podem agarrar o que lhes faz conta e ter o que que lhes convem sem outro trabalho do que apropriarem-se das cousas.

— Mas isso é muito bom.

— Quando não é muito mau.

— ; Mau ? ; porquê ?

— Porque o único direito é o da fôrça. Um peixe grande, por exemplo, come os pequenos e está sujeito a ser engulido por outro maior.

—; Oh! mas isso é terrível! O' pai, os alemães terão sido peixes antes de sêrem homens?

— E' provavel, mas não te posso dar informações a êsse respeito.

Voltaram para casa muito contentes e, depois de



... a alinhar sobre a mesa as várias conchas...

jantar, enquanto não eram horas de ir estudar a lição para o dia seguinte, entreteve-se Gil a alinhar sobre a mesa as várias conchas que trouxera da praia. Depois pediu ao pai que lh'as classificasse, porque queria arranjar uma colecção com as preciosidades que achasse nos seus passeios.

—; Tive um dia feliz! disse êle, abraçando sua mãe antes de se deitar; e a visita ao aquário não foi

perdida. Interesse-me agora muito mais pelos peixes, pelos crustáceos e pelos animais que dêles se sustentam. Vêr as cousas aumenta-lhes extraordinariamente o interesse!

— Por isso é preciso ter muito cuidado com a vista. Só quando ela se perde, é que se lhe compreende o valor. Pensa que tristeza não será a dos cegos, cujos olhos chegaram a vêr as maravilhas da terra e que um destino infeliz condenou a perderem tão precioso dom. Quando vires um cego, presta-lhe sempre auxílio, se puderes, porque de todos os males de que estamos livres devemos apiedar-nos duplamente.

— ¿Porque é que a mãe tem mais dó dos que não são cegos de nascença?

— Porque conheceram um bem e o perderam, enquanto que os que nunca o tiveram não lhes sabem o valor. Agora deita-te e dorme que amanhã é dia de colégio.

E, beijando-o, apagou a luz e foi juntar-se ao marido que fazia serão no seu escritório.





XVI

Mimi vai saltando a corda
Pelas ruas do jardim,
Mas na pressa com que o faz
Corta com ela um jasmim.

Vendo a florinha no chão,
Tão perfumada e viçosa,
Foi pô-la em jarra doirada
Junto de vermelha rosa.

Esta, vaidosa e soberba,
Da florinha se afastou,
A qual, percebendo tudo,
Triste deveras ficou.

Mas é por todos sabido,
Até mesmo por Mimi,
Que ninguém fará aos outros
O que não queira p'ra si.

De tão impensado orgulho
A rosa se arrependeu.
Por ofender o jasmim
Logo a paga recebeu.

Entrou na sala um senhor,
Que vinha fazer visita,
E, pegando no jasmim,
Disse: — «¡Que flôr tão bonita!

¿Que vale a rosa ao pé dela?
«O mesmo que uma aldeã
«Junto de qualquer princesa
«Ou formosa castelã.

«O seu perfume estonteia
«E tem tanta suavidade
«Que de o possuir qualquer dama
«Teria imensa vaidade.

«Eu não sou dama, Mimi,
«Mas vou pedir-lhe um favôr:
«Ponha-me aqui, na lapela,
«Esta encantadora flôr.»

Mimi acedeu de pronto,
Mas notou que a linda rosa
Se ocultava entre a folhagem
Toda triste e vergonhosa.



E, pegando no jasmim... (Pag. 108)

— «Tem pena de ser saloia,
A pequenita pensou.
«¿ Para que foi tão soberba
«E do jasmim se afastou?»

«Eu, quando vou ao jardim,
«Brinco co'os pobres também,
«E para que não me ofendam
«Não quero ofender ninguém.

•E' justo que ela entristeça
«E se desfolhe no chão,
«Pois não merece viver
«Quem não tem bom coração.»

Assim sucedeu á rosa
Que de desgosto murchou.
Mimi ás suas amigas
A triste historia contou.



O Filho da Rita



XIII

A Rita era uma cozinheira, muito rabugenta, muito zangada, mas que era e tinha sabido ser uma boa mãe. Educára tão bem o único filho, que tinha, que toda a gente, que o conhecia, gostava dêle.

— Um homem deve estar contente, dizia-lhe ela, quando os seus pais estão contentes com a sua conduta.

Quando o rapaz fez dezóito anos, perguntou-lhe ela:

— O que é que tu queres ser?

— Marinheiro.

A mãe teve um grande desgosto e ponderou-lhe:

— Não gosto. E' uma vida muito arriscada. Quem anda sobre as águas tem menos probabilidades de morrer de morte natural do que os outros.

— Isso é uma idea da mãe. Em toda a parte se corre perigo.

— Não digo menos disso. O que quero é que penses bem para te não arrependeres depois. Mas, se é essa realmente a tua vocação, sou eu a primeira que entendo não deveres querer outra, respondeu a sensata mulher.

Em pouco tempo, o rapaz assentou praça voluntariamente e tornou-se um dos mais hábeis marinheiros do seu navio. De cada viagem de que voltava, trazia sempre a sua mãe lindos pássaros de África, frutos, dôces, e corria, logo que chegava, a abraçar sua mãe.

Ela, modestamente vestida de saloia, trazia a cozinha dos seus patrões um modêlo de aceio, e costumava dizer:

— Depois do meu filho, aquilo a que eu mais quero é á minha cozinha. Ninguêem vê uma cousa suja nem fóra do seu lugar. Anda cuidada que nem uma ermida.

De mangas arregaçadas, estava ela um dia junto do fogão, voltando na frigideira umas magníficas *orelhas de abade*, quando a porta se abriu de repente e o

marinheiro, doido de alegria, ergueu ao ar, num abraço, a sua velha mãe.

Ela abraçou-o e beijou-o, cheia de satisfação e, depois de retirar os fritos do lume, exclamou:

— Deixa-me ver-te bem. ; Estás uma perfeição de homem!

Êle era feio a mais não poder ser.

— ; E que lindas barbas! exclamou ela. *Inté* me tem respeito! Pareces um grande senhor! Deixaste agora isso assim... Fica-te bem, mas eu julguei que não era permitido aos marinheiros.

— E' que eu já não sou marinheiro. Agora sou remador da alfândega.

— ; Então arranjaste isso assim logo ao desembarcar? perguntou a velha num tom desconfiado.

O filho còrou e respondeu:

— E' que eu não quiz vir cá sem lhe trazer a bôa nova de que não torno a fazer viagens, mas já estou em Lisbôa ha três dias.

— ; Tu! ; tu estás em Lisbôa ha três dias e tens o atrevimento de só hoje me vir vêr?

Muito envergonhado por sentir que a sua mãe tinha razão, o marinheiro, de olhos pregados nas lajes da cozinha, passava as mãos pela aba do chapéu com ar verdadeiramente comprometido.

Então a vèlhinha, que era muito baixa, subiu acima duma cadeira e ordenou ao filho:

— Chega-te aqui, anda.

— ; Para quê, minha mãe?

— Para eu te castigar.

As crianças da casa tinham corrido ao ouvir a voz irritada da velha, e pela janela da cosinha para o jardim assistiam divertidas a esta scena inesperada.



... subiu acima duma cadeira... (Pag. 113)

— ¡ Oh! mãe, minha mãe! olhe que estão ali os meninos... .

— ¿ Isso que tem? Melhor. Vão vêr que, apesar de pobre, sei educar o meu filho melhor do que êles o são. Vá, chega-te aqui... .

O filho obedeceu.

Ela agarrou-o pelas barbas e fez menção de lhe dar duas bofetadas, dizendo:

— Ora aí tens. Eu bem sei que te não faço doer, mas é para te ensinar a guardares-me o respeito que me deves.

O marinheiro, de olhos baixos e rosto afogueado, respondeu:

— Tem razão, minha mãe. Perdõe-me. Eu não torno mais.

As crianças, que do jardim assistiam á scena, começaram a gritar:

— Não tens vergonha, Rita, de bater num homem com barbas?

A cozinheira sentiu-se vexada e não respondeu; mas o marinheiro adiantou-se para a janela e disse aos pequenos:

— E' que eu para minha mãe não sou um homem; sou apenas um filho que faltou ao seu dever e que por isso ela pune.

Eu pertencia ao número das crianças que vieram espreitar do jardim. Estava ali de visita e lembra-me do espanto que esta scena me causou. Quando vejo alguma criança faltar ao respeito que deve a seus pais, lembra-me logo daquele bravo e valente rapaz, condecorado com a *Torre e Espada* pelos seus actos de valor, que rodeava a mãe, sendo uma umilde mulher do povo, de respeitos e considerações que muitos, educados noutro meio, nunca souberam ter em tão elevado grau.

Quando o marujo se despediu de sua mãe, já ela tinha feito as pazes com êle e aprendido uma cantiga

por êle ouvida nas terras de além-mar, e que por sua vez a velha Rita nos ensinou. Começava assim:

Vinde, á sombra dos coqueiros,
Abrir um côco e beber.
Ninguém junto de tais árvores
Pode de sêde morrer.

; Ha quanto tempo tudo isso passou! Mas vejam os meus leitores o que é um exemplo digno de ser seguido. Quando evoco no meu pensamento as scenas da infância, aparece-me sempre a figura nobre e elevada do rude marinheiro como um dos mais belos modêlos de respeito filial de que na minha vida, já longa, tenho tido conhecimento.





X

Era Inácia, uma altiva e velha dona,
Que ensinava, na Escola, português.
Chamavam-lhe os rapazes resmungona
Porque era impertinente muita vez.

Tinha pelo grande épico um tal culto,
Uma tão forte e viva simpatia,
Que apodava qualquer de parvo e estulto,
Se igual entusiasmo não sentia.

Decorára os Lusíadas tão bem,
Dizia-os com tão funda devoção,
Que, ao ouvi-la, decerto que ninguém
Punha em dúvida a sua opinião.

De tudo que ensinava ao rapazio
Só o luso poema lhe importava,
E num tom doutoral, cheio de brio,
Quanto á mente lhe vinha perguntava :

— Meninos, digam de que canto e estância
São estes versos que lhes vou citar :
O que disser terá em abundância
Bôas cerejas para merendar.

E, num tom comovido e sonoro,
Com voz em que vibrava o coração,
O olhar acendido, luminoso,
De quem vê o que quer na evocação,

Dona Inácia exclama altivamente :
— *E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente...*
— Canto primeiro, estância sexta. — *Mente!*

« Diz, acesa em furor, a professora :
« Vem na estância quarta. — Foi engano
Queira-me perdoar, minha senhora.
— Nem que fizesse penitência um ano !

« Confundir uma estância de Camões !
« É culpa que não pode ter perdão.
« Ha de lêr por tres vezes as lições
« De cara p'rá parêde e mãos no chão. »

E, voltando-se a outro rapazinho,
Dona Inácia, em voz branda, perguntou:
— Diga-me o que são Tágides, Martinho,
Não faça como o Rui, que não pensou.

— São as ninfas do Tejo, que em latim
Tem o nome de *Tagus* — Muito bem.
Porêm agora vá explicar-me a mim:
As ninfas o que são? — Aqui não vem.



— Diga-me o que são Tágides, Martinho...

O pequeno mostrou-lhe um livro e em fios
As lágrimas corriam-lhe de medo.
— Divindades pagãs, deusas dos rios,
A velha lhe explicou com rosto lêdo.

« Não esteja impressionado, meu amigo,
« Não tem um só motivo para o estar
« Porque, como já disse, eu só castigo
« Quem ácerca do Mestre se enganar.

«Esse de gente o nome não merece.
«Onde coloca o pé ha de pôr mão
«Visto que de ser homem quasi esquece,
«Hei de o pôr em humilde posição.



O pequeno, ladrando como um cão... (Pag. 121)

Entretanto, o pequeno de castigo
Voltou-se para os outros, fez sinal
E, co'a voz lamurienta dum mendigo,
Perguntou se o julgava um animal.

D. Inácia afirmou que assim pensava.
O pequeno, ladrando como um cão,

Pela saia com fúria lhe puxava
Fazendo-a rebolar com êle ao chão.

Todos riram daquela má partida.
O Ruizinho foi expulso e castigado.
Porém a velha dona, ressentida,
Pensava na verdade do ditado:

«Quem quer merecer respeito
«Deve os outros respeitar.
«Terá assim o direito
«De ninguem lhe ousar faltar.

Nunca mais a dona
A ninguem chamou
A feia palavra
Que ao chão a levou.
Se se zanga, diz:
— Olhem que a mostarda
Chega-me ao nariz!

FIM

ÍNDICE

ÍNDICE

ÍNDICE

	PAG.
A história dum amôr perfeito	5
O burro da lavadeira	25
Os olhos da Realidade	29
O canário de Lolita	45
Alda era gulosa	49
O brinde de Berta	59
O que a avó leu	63
A cantiga de Marcelo	73
A vocação de Pedro	77
Das festas as vespas	91
A visita ao aquário	97
A punição da rosa	107
O filho da Rita	111
Quem quer ser respeitado...	117

LIVROS DE SENHORAS

A' venda na Parceria A. M. PEREIRA — Livraria Editora

RUA AUGUSTA, 44 a 54 — LISBOA

Maria Amalia Vaz de Carvalho

A arte de viver na sociedade, ou manual da vida elegante, 4.^a edição, 1 vol. br. 1\$000, enc. 1\$400 réis.

Pelo mundo fóra, 1 vol. br. 500, enc. 700 réis.

A aventura d'um polaco, romance traduzido de V. Cherbuliez, 2 vol. br. 400, enc. 600 réis.

Raphael, romance, traduzido de Lamartine, 1 vol. illustrado, enc. 3\$200.

Feuillet e o romantismo, estudo, (precedendo a tradução do *Romance d'um rapaz pobre*), 1 vol. enc. 3\$200 réis.

Em Portugal e no estrangeiro, br. 800, enc. 1\$000 réis.

Figuras de hontem e de hoje, br. 600, enc. 800 réis.

As nossas filhas (Cartas ás mães), br. 600, enc. 800 réis.

Contos e phantasias, br. 600, enc. 800 réis.

Cerebros e cocrções, br. 600, enc. 800 réis.

Ao correr do tempo, br. 600, enc. 800 réis.

No meu cantinho, br. 600, enc. 800 réis.

Impressões de Historia, br. 600, enc. 800 réis.

Coisas d'agora, br. 600, enc. 800 réis.

Caêl

A's mães e ás filhas, contos, 3.^a edição, 1 vol. br. 500, enc. 700 réis.

Amor á antiga, romance, 2 vol. br. 400, enc. 600 réis.

A filha do João do Outeiro, romance, 1 vol. br. 700, enc. 900 réis.

Commentarios á vida, br. 300 réis.

Testamento de mãe, br. 500, enc. 700 réis.

Desgarrada, br. 600, enc. 800 réis.

Revista branca, br. 500, enc. 700 réis.

De longe, contos illustrados, br. 800, enc. 1\$100 réis.

Guiomar Torrezão

Batalhas da vida, contos, 1 vol. br. 200, enc. 300 réis.

Paris, br. 600, enc. 800 réis.

Almanach das Senhoras, publicação

annual, cada vol. br. 240, cartonado 320 réis.

Margarida de Sequeira

Em segredo, romance, traduzido de L. Pinseau, 2 vol. br. 400, enc. 600 réis.

Maria Emilia Baptista Ferreira

Economia domestica, livrinho indispensavel a todas as ménagères, br. 200 réis.

Maria Benedicta de Sousa Soares d'Andréa

Poesias, prefaciadas por Pinheiro Chagas, 1 vol. br. 500 réis.

Fornarina d'Avellar

Um conto em familia, romance, 1 vol. br. 400 réis.

Anna Augusta Placido

(Viscondessa de Correia Botelho)

Luz coada por ferros, contos e outros escriptos, 1 vol. br. 500 réis.

Madame L. Gagneur

O calvario das mulheres, romance, (traduzido) 4 vol. br. 1\$600 réis.

Madame Victor Hugo

Victor Hugo descripto por uma testemunha da sua vida, 2 vol. enc. 800 réis.

Maria O'Neill

Lueta de sentimentos vol. 81.^o da Col. A. M. Pereira, br. 200 rs., enc. 300 rs.

Um drama de ciúme, vol. 84.^o da Col. A. M. Pereira, br. 200 rs. enc. 300 rs.

A Marquiza de Valle Negro, vol. 7.^o da Col. Autores celebres.

Mrs. Anna Stephens

Opulencia e miseria, romance americano, traduzido em portuguez, 2 vol. br. 700 réis.

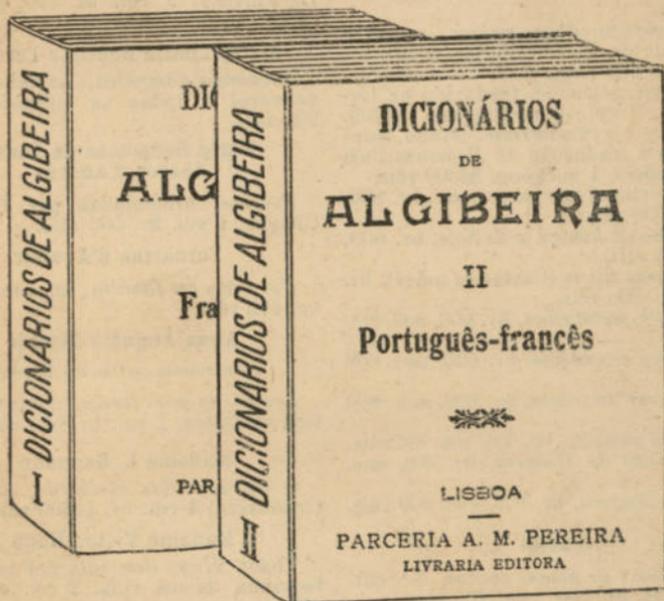
Francisca Wood

Maria Severn, ou scenas da vida ingleza, (romance de costumes), 2 vol. br. 500 réis.

LIVRINHOS UTEIS A TODOS

DICIONARIOS DE ALGIBEIRA

I — Francês-português ++ II — Português-francês



NITIDA IMPRESSÃO — OPTIMO PAPEL

Cartonados 400 réis cada .

Portateis por excellencia 

 De utilidade incontestavel aos estudantes

No preço o n.º 3 Inglês-português. A seguir o n.º 4 Português-inglês

Parceria R. M. Pereira — Rua Augusta, 44 a 54





PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

LIVRARIA EDITORA

Rua Augusta — 44 a 54 —

LISBOA

Outros livros para creanças, editados por esta casa,
com bonitas encadernações em percaline

As mães e as filhas, por Café	700
A Chave da Sciencia, por Brewer e Moigno, nova tradução muito desenvolvida e ampliada, 3 vols. illustrados com muitas gravuras	6\$000
Contos da avózinha, por J. Q. Travassos Lopes, 3 vols. illustrados	1\$080
Contos, de Pedro Ivo	300
Contos, de Trueba	500
Contos do tio Joaquim	300
Contos e phantazias, por Maria Amalia Vaz de Carvalho	800
Contos para a infancia, por Guerra Junqueiro, 5.ª edição illustrada com chromos	600
Descoberta da India, por Pinheiro Chagas, illus- trado	1\$000
A filha do João do Outeiro, romance por Café, illustrado	900
Historias, por Gyp, illustrado	700
Historias de animaes, sua vida, costumes e aco- dotes, por Travassos Lopes, 3 vols. illustrados	1\$200
Ditosa patria minha amada, por J. T. da Silva Bastos, edição illustrada	600
Primeiras leituras, por Café, illustrado	600
Leituras correntes e intuitivas (conhecimentos uteis), por Travassos Lopes, 2 vols. illustrados	720
Leituras populares instrutivas e moraes, por Brito Aranha, illustrado	200
Maravilhas da creação, ou historia e descripção illustrada dos animaes, 3 vols. com mais de 500 gravuras	8\$000
Revista branca, dedicada ás creanças	700
Horas de folga, contos por Maria O'Neill, illus- trados, cart.	300
Recreações infantis, contos por Maria O'Neill, illustrados, cart.	300
Para lêr nas férias, contos por Maria O'Neill, illustrados, cart.	300
Por bom caminho, contos por Maria O'Neill, illus- trados, cart.	300
Para divertir, contos por Maria O'Neill, ilustra- dos, cart.	300